



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

4º Trimestre de 2015



Fortaleza – Ceará
Março de 2016

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Hugo Figueiredo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

IPECE Conjuntura – 4º Trimestre – out.dez. de 2015

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Gabriel Figueiredo

José Freire Junior

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Visão

Ser uma instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Missão

Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geosocioeconômicas e da assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores

Ética e Transparência; Autonomia Técnica; Rigor Científico; Competência e Comprometimento Profissional; Cooperação Interinstitucional e Compromisso com a Sociedade.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 4º trimestre de 2015.

Neste documento, são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para o desempenho da atividade econômica do Estado do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir dos três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços, tendo este último foco no comércio varejista (comum e ampliado). Mercado de trabalho formal, comércio exterior e finanças públicas são outros tópicos destaque do documento.

Paralelo à análise da conjuntura, a última seção reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade com um artigo de opinião.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 14

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 15

4.1. Agropecuária, 15

4.2. Indústria, 19

4.3. Serviços (Comércio Varejista), 25

5. MERCADO DE TRABALHO, 37

5.2. Emprego Formal, 37

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 47

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 53

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 57

9. ARTIGO DE OPINIÃO, 61

A Filosofia Grega e Cristã Como Instrumentos Para o Desenvolvimento Econômico, 61

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.

Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- Em janeiro de 2016, a publicação do *World Economic Outlook* pelo FMI divulgou uma estimativa de crescimento da economia mundial de 2015 de, aproximadamente, 3,1%.
- A economia brasileira, por sua vez, apresentou, em 2015, uma retração de 3,8% no acumulado de todo o ano. Com exceção do setor agropecuário, que apresentou crescimento de 1,8%, o lado da oferta teve queda tanto no setor industrial como no de serviços.
- A economia cearense, em 2015, apresentou queda de 3,48%. Quando se observa a evolução no quarto trimestre de 2015 relativamente ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma retração de 5,56%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no quarto trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando verificou-se um crescimento de 2,70%.
- O ano de 2015 foi um dos piores para o setor agropecuário cearense nos últimos anos, dado o prolongamento da estiagem e chuvas abaixo da média, causando danos às condições do solo e perda de umidade e de cobertura vegetal, com drástica redução das reservas hídricas. A quantidade de grãos produzidos no Ceará em 2015 foi a menor dos últimos 20 (vinte) anos.
- O ano de 2015 se encerra com uma redução de 9,7% na produção industrial do Estado. Quando se observam os anos anteriores, tem-se que 2015 foi o segundo pior ano para a indústria desde o início da atual série de dados, em 2002. Para a indústria cearense, esse quadro se mostrou especialmente nocivo dada sua estrutura produtiva caracterizada pela produção de bens não duráveis voltados ao consumo final.
- É nítida a trajetória de queda nas vendas trimestrais do varejo comum tanto cearense quanto nacional, sendo que este último apresentou quedas mais significativas nos dois últimos trimestres do ano confirmando a maior deterioração do desempenho das vendas nacionais. O varejo ampliado experimentou também uma trajetória de queda trimestral tanto no Brasil quanto no Ceará, sendo que, diferente do ocorrido no varejo comum, as vendas cearenses apresentaram quedas mais significativas nos últimos dois trimestres do ano.
- No estado do Ceará, foram observados fechamento de postos de trabalho em todos os trimestres do ano de 2015. No acumulado do ano, foi registrado o primeiro saldo negativo anual dos últimos onze anos dentro dos registros do CAGED. Todos os estados brasileiros apresentaram saldo negativo anual de empregos.
- As exportações do Ceará no acumulado do ano de 2015 apresentaram queda de 28,91% em relação ao ano de 2014. As importações, por sua vez, tiveram queda de 10,41% comparada ao ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense

manteve a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2015 com retração de 16,49% frente ao ano de 2014.

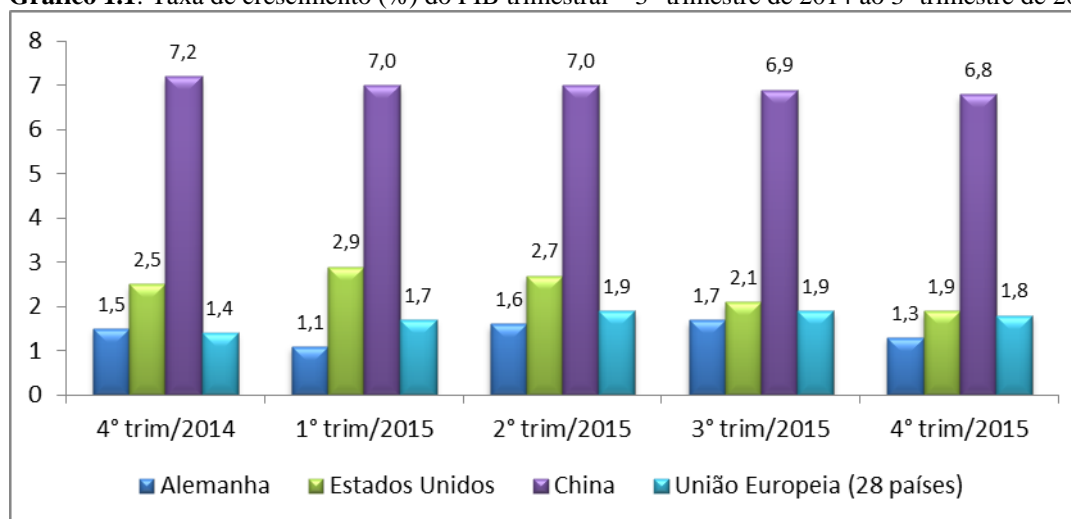
- No ano de 2015 as “Receitas Correntes Líquidas” tiveram queda de 3,4%. As receitas de ICMS tiveram redução de 4,3% na arrecadação. Relativamente ao FPE constata-se uma queda de 3,4% no total anual. No acumulado do ano houve uma queda de 2,5% nas “Despesas Correntes” e um crescimento de 2,1% nas despesas com “Pessoal e Encargos Sociais”. Destaque-se, ainda, a redução de 9,5% da “Despesa Total” do Estado no acumulado de 2015, frente a igual período de 2014. Observou-se, ainda, uma significativa queda dos “Investimentos” do Governo Estadual os quais, no acumulado de 2015, ficaram 35,8% abaixo do observado em 2014.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

No quarto trimestre de 2015 foi observado desempenho econômico positivo nos países desenvolvidos de forma geral. A economia americana, por exemplo, registrou taxa de crescimento de 1,9% no quarto trimestre, comparado ao mesmo período de 2014, segundo dados da OCDE. As taxas de crescimento econômico do bloco da União Europeia mostraram também variações positivas ao longo dos últimos trimestres, encerrando o último trimestre de 2015 com taxa de 1,8%, o que revela superação da crise econômica e de crescimento (Gráfico 1.1).

Com relação à economia da China, as taxas trimestrais apontam uma continuidade da desaceleração. No quarto trimestre de 2014 a China registrou taxa de crescimento de 7,2%, enquanto que no quarto trimestre de 2015 a taxa foi de 6,8%. No ano de 2015 medidas políticas tomadas pelo governo chinês, como a desvalorização da moeda nacional (Iuan), o refinanciamento de empréstimos e o aumento das compras de ações de pequenas e médias empresas pela Comissão Reguladora da Bolsa de Valores da China levaram a uma perda de confiança na economia.

Gráfico 1.1: Taxa de crescimento (%) do PIB trimestral – 3º trimestre de 2014 ao 3º trimestre de 2015*



Fonte: OCDE. Elaboração: IPECE. *Comparação com o mesmo período do ano anterior.

No início de 2015, o FMI previa um crescimento da economia mundial em 3,5%. Este valor seria impulsionado principalmente pelo crescimento da economia dos Estados Unidos, mas ao longo do ano a estimativa de crescimento da economia americana bem como de alguns países emergentes (Brasil, Rússia, África do Sul) tiveram seus valores revistos para baixo. Em janeiro de 2016, a publicação do *World Economic Outlook* pelo FMI estimou o crescimento da economia mundial de 2015 em 3,1%.

A economia norte americana desacelerou no ultimo trimestre de 2015 quando registrou a menor taxa de crescimento do ano, consequência da queda das exportações e aumento das importações, além da redução nos gastos do governo federal e das famílias. Diante desse cenário, especialistas acreditam que o Federal Reserve seja mais lento ao elevar os juros do país.

Para os países da Zona do Euro constatou-se uma recuperação econômica da maioria dos países, com destaque para a Espanha, que cresceu 3,2% em 2015 e a França, que cresceu 1,1%, consolidando o fim da crise. A Alemanha, por sua vez, cresceu 1,7% em 2015.

A China registrou desempenho em 2015 de 6,9%, bem mais modesto quando comparado aos anos anteriores quando apresentava taxas de crescimento superiores a esse valor. Essa desaceleração já vinha sendo prevista pelo governo chinês, bem como pelos órgãos econômicos internacionais. Para o FMI, a desaceleração da China e a forte queda de seu mercado acionário não devem ser vista como uma crise, mas sim um ajuste necessário que a economia chinesa deve passar. Destaca-se que seu desempenho afeta mercados de todo o mundo, atingindo principalmente os grandes exportadores para esse país, como Rússia e Brasil, que vêm sentindo fortes efeitos em suas economias com sua desaceleração.

Outro aspecto relevante em 2015 na economia mundial foi o comportamento de queda dos preços das *commodities*, com destaque para o petróleo, cobre, alumínio e minério de ferro. A queda dos preços das *commodities* deve-se, boa parte, a queda de demanda da China por esses produtos; no caso do petróleo, a queda de preço foi influenciada também pelo aumento da produção pelos países do Oriente Médio. Vale ressaltar que a retração dos preços desses produtos afeta os países de forma diferenciada. De fato, os países exportadores desses bens sofreram com a queda de preço, pois os valores das exportações caíram, comprometendo as contas de transações correntes desses países, como foi o caso dos países emergentes. O contrário ocorreu com os países importadores desses produtos, que adquiriram os produtos ao menor preço, favorecendo os países europeus que se encontram em retomada de crescimento.

A expectativa consiste em como a economia mundial irá se comportar caso China continue a desacelerar, com projeções de crescimento de 6,3% para 2016 e 6,0% para 2017. O FMI chama atenção para um crescimento mundial desigual, onde os países emergentes mostram tendências de queda e desaceleração, e os países desenvolvidos com retomada do ritmo de crescimento.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No quarto trimestre de 2015, o PIB do Brasil registrou uma queda de 5,9% em relação ao quarto trimestre de 2014 (Tabela 2.1). Para o ano de 2015 o PIB apresentou uma queda de 3,8%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil – 4º Trim. 2014 e 2015 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2014 (**)	1º Trim. 2015 (**)	2º Trim. 2015 (**)	3º Trim. 2015 (**)	4º Trim. 2015 (**)	2015
Agropecuária	2,2	5,4	2,2	-2,0	0,6	1,8
Indústria	-2,1	-4,4	-5,7	-6,7	-8,0	-6,2
Extrativa Mineral	10,4	12,5	8,2	4,2	-4,1	4,9
Transformação	-6,0	-7,3	-8,1	-11,3	-12,0	-9,7
Construção Civil	-2,2	-8,3	-10,6	-6,3	-5,2	-7,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-4,4	-6,6	-1,6	1,5	1,4	-1,4
Serviços	-0,3	-1,4	-1,8	-2,9	-4,4	-2,7
Comércio	-1,8	-5,9	-7,1	-9,9	-12,4	-8,9
Transportes	1,7	-4,0	-5,2	-7,7	-9,0	-6,5
Intermediação Financeira	0,8	0,7	0,1	0,4	-0,4	0,2
Administração Pública	-0,6	-0,4	0,5	0,9	-1,2	0,0
Outros Serviços	-1,0	-1,2	-2,0	-3,5	-4,4	-2,8
VA a preços básicos	-0,7	-1,7	-2,5	-3,8	-5,0	-3,3
PIB pm	-0,7	-2,0	-3,0	-4,5	-5,9	-3,8

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Na análise trimestral, comparando o quarto trimestre de 2015 com relação ao mesmo período do ano de 2014, a Agropecuária cresceu 0,6% e a Indústria sofreu queda de 8,0%. Nesse contexto, a indústria de transformação apresentou contração de 12,0%. As atividades de construção civil e a extrativa mineral também apresentaram redução no volume do valor adicionado: -5,2% e -4,1%, respectivamente. Já a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, por sua vez, registrou expansão de 1,4%.

O valor adicionado de Serviços caiu 4,4%, com destaque para a contração de 12,4% do comércio (atacadista e varejista) e de 9,0% de transporte, armazenagem e correio. Também apresentaram resultados negativos as atividades de outros serviços (-4,4%), serviços de informação (-3,0%), administração, saúde e educação pública (-1,2%) e intermediação financeira e seguros (-0,4%). As atividades imobiliárias apresentaram variação nula.

Para o ano de 2015, em comparação com 2014, os valores agregados dos três setores que o compõem o PIB apresentaram os seguintes resultados: Agropecuária (1,8%), Indústria (-6,2%) e Serviços (-2,7%). A variação em volume do valor adicionado da Agropecuária (1,8%) decorreu, principalmente, do desempenho da agricultura. Alguns produtos da lavoura registraram crescimento de produção tendo como destaque as culturas de soja (11,9%) e milho (7,3%). Por outro lado, algumas lavouras registraram variação negativa, como, por exemplo, trigo (-13,4%), café (-5,7%) e laranja (-3,9%).

Na Indústria, o destaque positivo foi o desempenho da extrativa mineral, que acumulou crescimento de 4,9% no ano, influenciado tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás natural quanto pelo crescimento da extração de minérios ferrosos. As demais atividades industriais registraram queda em volume do valor adicionado. A construção sofreu contração de 7,6%, enquanto que a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana caiu 1,4%.

A indústria de transformação teve queda (-9,7%), influenciada pela redução, em volume, do valor adicionado da indústria automotiva (incluindo peças e acessórios) e da fabricação de máquinas e equipamentos, aparelhos eletroeletrônicos e equipamentos de informática, alimentos e bebidas, artigos têxteis e do vestuário e produtos de metal.

Dentre as atividades que compõem os Serviços, o comércio sofreu queda de 8,9%, seguido por transporte, armazenagem e correio, que recuou 6,5%, outros serviços (-2,8%) e serviços de informação (-0,3%). A atividade de administração, saúde e educação pública ficou estável (0,0%), enquanto que intermediação financeira e seguros e atividades imobiliárias apresentaram variações positivas de, respectivamente, 0,2% e 0,3%.

Na Tabela 2.2 abaixo são apresentados os resultados do último trimestre do ano sob a ótica da produção (três grandes setores) e pela ótica da demanda – absorção doméstica e exportações líquidas. O ano de 2015 apresentou queda nos quatro trimestres do produto interno bruto a preços de mercado no Brasil tendo ainda registrado uma retração de 3,8% no acumulado de todo o ano.

Com exceção do setor agropecuário, que apresentou crescimento de 2,9% no último trimestre e um acumulado de 1,8%, o lado da oferta teve queda tanto no lado da indústria como no setor de serviços no quarto trimestre em todo o ano de 2015.

Na agropecuária, não obstante o arrefecimento dos preços das *commodities*, o volume exportado galvanizado pela alta do dólar alavancou seu crescimento no último trimestre, o que permitiu uma taxa positiva de crescimento.

O setor industrial vem amargando quedas sucessivas vindo a acumular contração de -6,2% no ano. No quatro trimestre, houve um recuo do setor de -1,4%, ante uma queda de -1,9% no terceiro trimestre. Nem mesmo a alta do dólar permitiu ao setor alavancar parte de suas vendas para o exterior, o que evidencia que os problemas da indústria são mesmo de natureza estrutural. A provável queda dos estoques talvez eleve a capacidade de crescimento do setor apenas no segundo semestre do ano de 2016.

A participação de 72% do setor de serviços na produção nacional bem como quatro quedas trimestrais consecutivas e uma retração de -2,7% ao longo de ano de 2015 revela a profundidade da depressão que a atividade econômica nacional encontra-se. Aumento da taxa de desemprego, queda da renda real por conta da inflação resistente, contração do crédito e incerteza quanto ao futuro reduz a confiança dos agentes econômicos impactando diretamente o principal setor da economia.

Tabela 2.2: Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)

		Com Ajuste Sazonal					
Descrição		4º Trim. (2014)	1º Trim. (2015)	2º Trim. (2015)	3º Trim. (2015)	4º Trim. (2015)	Ano (2015)
PIB a preços de mercado		0,1	-0,8	-2,1	-1,7	-1,4	-3,8
Ótica da oferta	Agropecuária	0,8	4,7	-3,6	-3,0	2,9	1,8
	Indústria	0,0	-1,6	-3,5	-1,9	-1,4	-6,2
	Serviços	0,1	-1,0	-1,1	-1,1	-1,4	-2,7
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	1,2	-2,1	-2,2	-1,5	-1,3	-4,0
	Consumo do governo	-0,6	-0,7	0,4	0,3	-2,9	-1,0
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-0,9	-3,2	-7,4	-4,4	-4,9	-14,1
	Exportações	-11,5	13,6	3,1	-2,4	-0,4	6,1
	Importações (-)	-6,2	-0,1	-8,3	-7,2	-5,9	-14,3

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

Sob a ótica da demanda, a absorção doméstica recuou nos seus três componentes. Os gastos do governo retraíram -1,0% no ano de 2015, enquanto o consumo e a formação bruta de capital tiveram redução de -4,0% e -14,1%, respectivamente.

Deve-se ressaltar que apesar dessa contração no nível de gastos governamentais a despesa primária federal apresenta crescimento vegetativo por conta de gastos constitucionais, o que remete uma discussão em torno de um ajuste fiscal estrutural de longo prazo nas finanças públicas nacionais.

Por sua vez, a falta de um ajuste fiscal crível no curto prazo vem minando o nível de confiança dos agentes econômicos e levando a quedas sucessivas dos níveis de investimento, sem um horizonte favorável aos investimentos.

Do lado do consumo, o aumento contínuo do desemprego, a persistente inflação e a manutenção dos juros altos tem derrubado a confiança bem como o poder de compra dos trabalhadores.

O ajuste cíclico no setor externo tem elevado às exportações e retraído às importações ao longo de todo o ano de 2015: crescimento e queda de 6,1% e -14,3%, respectivamente. Parte do setor externo tem reagido a depreciação cambial em termos de maior volume de vendas exportada, enquanto as compras de máquinas e equipamentos e o consumo do exterior sofreu forte retração com a alta do dólar.

Inflação e Taxa de Juros

O fim do quarto trimestre de 2015 trouxe muita preocupação em termos de comportamento dos preços na economia. O IPCA¹, relativo a dezembro de 2015, na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), registrou uma variação de 1,45% no mês, bem superior ao registrado no Brasil (0,96%), resultado elevado para um único mês o que demonstra a resistência da inflação em ceder, confirmando uma trajetória de alta e gerando sérias dificuldades aos consumidores cearenses. A RMF, no mês de dezembro, encontra-se na primeira colocação das cidades pesquisadas que apresentou maior variação no IPCA.

Em relação ao acumulado do ano de 2015, A RMF registrou, até dezembro, uma variação acumulada no IPCA de 11,43%, variação extremamente alta para o período. Nesse critério, apenas Curitiba ultrapassou a RMF na qual registrou um acumulado de 12,58%. No acumulado do ano todas as cidades pesquisadas apresentaram uma variação de preços elevados ficando muito distante da meta definida pelo Banco Central do Brasil.

Já o INPC na RMF registrou, no mês de dezembro, variação de 1,44%, superior ao registrado pelo IPCA para o mesmo período e, portanto, impactando mais fortemente nas famílias de menor poder aquisitivo. Comparando o INPC entre as regiões pesquisadas para o mês de dezembro de 2015, Fortaleza ocupou a primeira colocação como região de maior variação no INPC.

¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável pelo cálculo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para onze regiões metropolitanas e duas cidades com mais de 30% da população brasileira: Fortaleza, Belém, Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Curitiba, Campo Grande, Vitória, Brasília e Goiânia. A diferença entre os índices se dá pela faixa de renda do consumidor e conseqüentemente no peso de cada grupo. O IPCA abrange as famílias com rendimentos monetários de 1 a 40 salários mínimos, enquanto que o INPC se refere às famílias com rendimento de 1 a 5 salários mínimos. Vale ressaltar que o IPCA é o índice oficial que mede a inflação do país.

Em termos da variação acumulada até dezembro de 2015, o INPC da RMF registrou variação acumulada de 11,45%, colocando-se em sétimo lugar das treze regiões pesquisadas e do Brasil. Curitiba, assim como no IPCA, registrou a maior variação (13,8%) tendo sido a única dentre as regiões pesquisadas a alcançar a casa dos 13%. Apesar de ficarem próximos tanto a variação do INPC como do IPCA para o mês de dezembro de 2015, a consequência perversa da variação no INPC é o impacto maior nas famílias de menor poder aquisitivo. Já Vitória registrou 9,50% de variação do INPC no ano de 2015, resultando em uma variação acumulada abaixo da registrada no Brasil e nas outras regiões pesquisadas (11,28%). (Tabela 2.3)

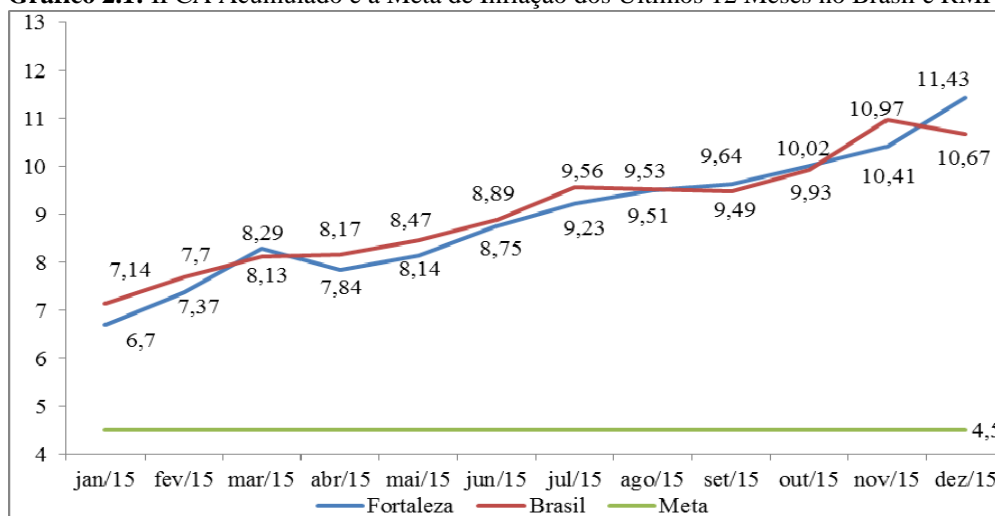
Tabela 2.3: IPCA e INPC do mês de dezembro e do acumulado no ano até dezembro de 2015

Região	Variação (%)			
	IPCA		INPC	
	Dezembro (%)	Acumulado no ano (%)	Dezembro (%)	Acumulado no ano (%)
Belém	1,39	9,93	1,19	9,86
Recife	1,00	10,15	1,07	10,39
Salvador	0,94	9,86	0,89	9,96
São Paulo	0,84	11,11	0,74	12,02
Rio de Janeiro	1,24	10,52	1,16	11,86
Goiânia	0,80	11,10	0,75	12,19
Belo Horizonte	0,58	9,22	0,50	9,71
Porto Alegre	0,82	11,22	0,71	11,74
Curitiba	1,14	12,58	1,06	13,81
Fortaleza	1,45	11,43	1,44	11,45
Brasília	1,21	9,67	0,84	11,47
Campo Grande	0,91	9,96	1,02	10,45
Vitória	1,00	9,45	0,72	9,50
Brasil	0,96	10,67	0,90	11,28

Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

A trajetória do IPCA acumulado dos últimos doze meses é apresentada no Gráfico 2.1 e revela o distanciamento do IPCA da RMF e do Brasil em relação à meta estipulada pelo Banco Central (4,5%) entre de janeiro e dezembro de 2015. Observa-se, também, que o comportamento da inflação da RMF em 2015 se comportou sempre abaixo do IPCA registrado no Brasil, com exceção em três momentos no período de um ano. Em março de 2015, o IPCA de Fortaleza ficou em 8,29% um pouco acima do Brasil (8,13%), no outro momento, o registro foi em setembro de 2015, e, finalmente, em dezembro de 2015. A partir de novembro de 2015 o IPCA da RMF e do Brasil ultrapassaram os dois dígitos.

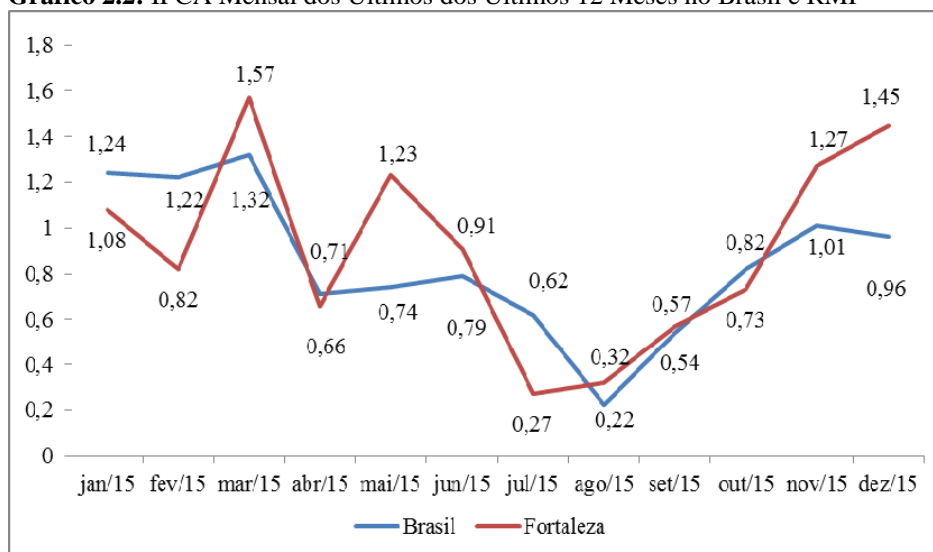
Gráfico 2.1: IPCA Acumulado e a Meta de Inflação dos Últimos 12 Meses no Brasil e RMF



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 2.2 a seguir observa-se que a inflação de Fortaleza apresenta grandes oscilações em relação à variação de preços do Brasil, no qual em alguns períodos posiciona-se acima e em outros abaixo do IPCA em relação ao registrado no Brasil no período de doze meses. A volatilidade está tão presente no IPCA de Fortaleza, que em fevereiro de 2015, registrou-se uma variação de 0,82% chegando, em março de 2015, ao pico de 1,57%, e ficou oscilando nos meses subsequentes, mas com trajetória de queda, até agosto de 2015. De forma geral, tanto a trajetória da inflação do Brasil como de Fortaleza seguem a mesma direção, porém de novembro a dezembro de 2015 a inflação de Fortaleza e Brasil seguem trajetória opostas. A inflação de Fortaleza teve uma trajetória de queda a partir de fevereiro até agosto de 2015, porém, a partir de setembro o IPCA voltou a se acelerar até o final de 2015.

Gráfico 2.2: IPCA Mensal dos Últimos dos Últimos 12 Meses no Brasil e RMF

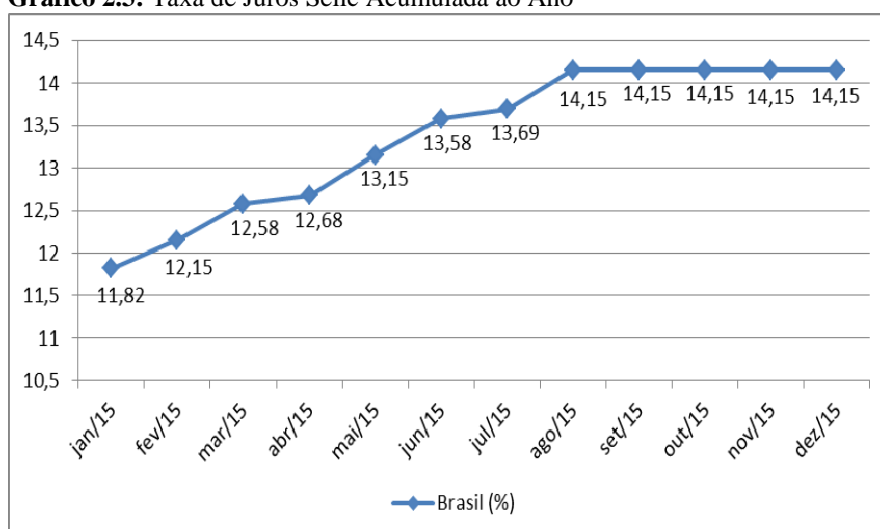


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.3 abaixo apresenta a taxa Selic acumulada, ao ano, praticada no Brasil entre janeiro e dezembro de 2015. No período de janeiro de 2015 a agosto de 2015 a taxa de juros praticada não parou de crescer; após esse período, as taxas permaneceram inalteradas em 14,15% até dezembro de 2015.

Esta tendência de alta encerrou-se a partir de setembro de 2015 e nesse período a inflação em Fortaleza e no Brasil voltou a acelerar. O que se tem observado é que apesar das constantes altas determinadas pelo COPOM a inflação continua a não ceder seguindo uma trajetória de alta ao longo de 2015.

Gráfico 2.3: Taxa de Juros Selic Acumulada ao Ano



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: IPECE.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No quarto trimestre de 2015 com relação ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma queda de 5,56%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no quarto trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando verificou-se um crescimento de 2,70% (Tabela 3.1). No ano de 2015, observa-se uma queda de 3,48%.

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades – Ceará – 4º Trim. 2014 e 2015(*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2014 (**)	1º Trim. 2015 (**)	2º Trim. 2015 (**)	3º Trim. 2015 (**)	4º Trim. 2015 (**)	2015
Agropecuária	37,22	20,31	-23,51	-27,75	-4,15	-24,93
Indústria	-1,89	-2,52	-3,72	-5,99	-8,27	-4,63
Extrativa Mineral	6,43	-4,04	-3,95	-4,98	-23,44	-9,27
Transformação	-5,21	-5,86	-9,12	-11,94	-12,91	-9,74
Construção Civil	0,60	0,15	0,44	0,18	-5,00	0,37
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	2,29	1,25	2,21	-1,16	-1,30	0,21
Serviços	2,80	0,73	-3,52	-4,29	-5,03	-2,40
Comércio	2,53	-3,82	-4,06	-3,18	-5,67	-2,54
Alojamento e Alimentação	7,67	3,03	0,77	0,66	-2,55	0,64
Transportes	12,50	0,93	-3,57	-6,82	-11,46	-5,51
Intermediação Financeira	3,08	0,93	-8,88	-8,28	-8,58	-7,73
Administração Pública	1,27	3,29	-0,28	-2,97	-1,86	1,02
Outros Serviços	2,55	-1,30	0,14	3,21	3,84	2,18
VA a preços básicos	2,66	1,10	-5,53	-5,68	-5,61	-3,67
PIB pm	2,70	1,05	-5,32	-5,54	-5,56	-3,48

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no quarto trimestre de 2015, em comparação com o mesmo período de 2014, uma retração de 4,15%. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou uma queda de 8,27%, enquanto que o setor de serviços caiu 5,03%. Para o ano de 2015, em comparação com o ano de 2014, todos os setores apresentaram queda, sendo a maior redução na Agropecuária (-24,93%), seguida dos setores da Indústria (-4,63%) e Serviços (-2,40%). Com exceção do setor da Indústria, que vem apresentando queda desde o segundo trimestre de 2014, os setores da Agropecuária e Serviços começaram a registrar decréscimos a partir do segundo trimestre de 2015, contribuindo fortemente para a queda do PIB do Ceará registrada no ano de 2015.

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O ano de 2015 foi um dos piores para o setor agropecuário cearense nos últimos anos dado o prolongamento da estiagem e chuvas abaixo da média, causando danos às condições do solo e perda de umidade e de cobertura vegetal, com drástica redução das reservas hídricas.

Por conta do prolongado período de seca, os produtores cearenses mostraram-se mais temerosos para realizar o plantio das culturas de milho, feijão e arroz, indicando uma redução das áreas plantadas e conseqüentemente redução na quantidade produzida. Vale ressaltar que a quantidade de grãos produzidos no Ceará em 2015 foi a menor dos últimos 20 (vinte) anos.

As estimativas para as principais lavouras cearenses segundo o LSPA/IBGE² indicaram uma redução na produção de milho, feijão, arroz e mandioca, sendo essas as culturas de maior importância econômica do setor. A causa para essa severa redução recai no fato do pouco volume de chuvas ocorridas no estado, além da irregularidade espacial e temporal registrada pela mesma no ano de 2015.

Conforme pode ser visto na Tabela 4.1 a estimativa para a produção de arroz de 2015 no estado do Ceará previu uma queda de 38,19%. A expectativa para a produção de feijão e milho indicou redução de 38,12% e 62,37%, respectivamente. A produção de mandioca também apresentou diminuição (-25,0%). No caso do algodão a queda de 95,56% foi influenciada pelo encerramento da produção irrigada no município de Limoeiro do Norte, único município que possuía produção desse tipo.

Tabela 4.1: Produção obtida e estimativa de grãos e outras lavouras no Ceará – 2014-2015

Produção de grãos e outras lavouras	Produção 2014*	Estimativa 2015*	Varição (%) 15/14
Arroz	39.798	24.601	-38,19
Feijão	108.998	67.447	-38,12
Milho	347.828	130.887	-62,37
Sorgo	1.685	900	-46,59
Fava	3.116	1.483	-52,41
Mandioca (mil frutos)	478.453	358.857	-25,00
Mamona	1.496	889	-40,57
Algodão	2.410	107	-95,56

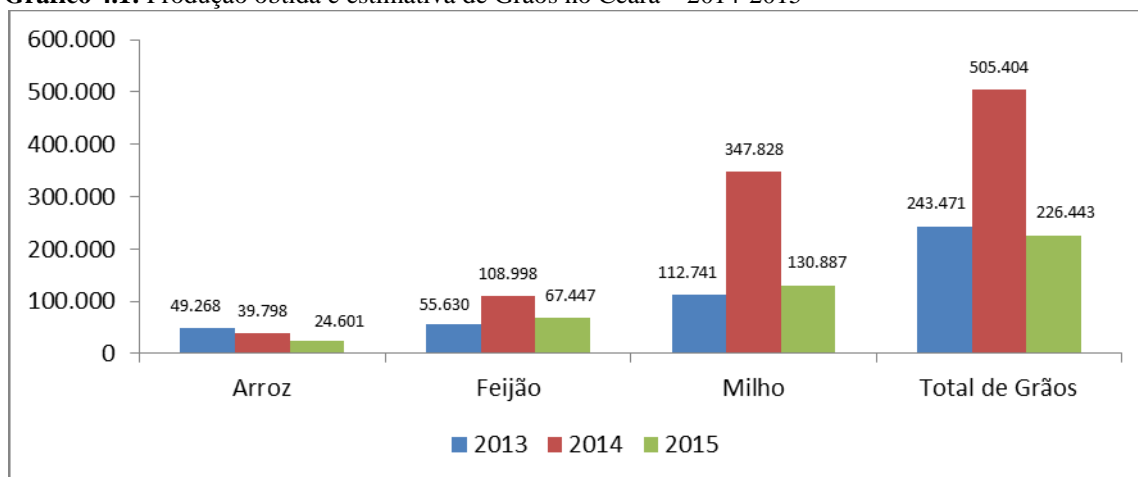
Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Nota: (*) O valor de 2014 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2015 corresponde a estimativa.

² As estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE) começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Embora o ano de 2014 também tenha sido um ano de poucas chuvas, nota-se que esse ano foi melhor que o ano de 2015, tendo este se assemelhado mais ao ano de 2013, conforme pode ser visto Gráfico 4.1. É importante ressaltar que essa diferença na produção agrícola cearense consiste na forma de distribuição espacial e temporal das chuvas.

No ano de 2015 as chuvas iniciaram tardiamente para a produção e sua distribuição ocorreu de forma muito irregular, centrando-se basicamente no Litoral Norte, Litoral do Pecém e Litoral de Fortaleza, que são regiões com menores representatividades na produção de grãos, explicando assim a baixa posição da safra desse ano. Já em 2014 a distribuição das chuvas ocorreram em maior quantidade nas regiões mais produtoras, como Cariri, Sertão Central, Inhamuns e Jaguaribana, além de terem sido melhores distribuídas temporalmente.

Gráfico 4.1: Produção obtida e estimativa de Grãos no Ceará – 2014-2015*



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Nota: (*) O valor de 2014 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2015 corresponde a estimativa.

Quanto à produção de fruticultura, houve também grandes reduções no ano de 2015, visto que os produtores reduziram as áreas de plantio, diante da redução de liberação de água para os perímetros irrigados, com menor vazão e menor tempo de liberalização de água, o que comprometeu a produção.

Sendo assim, ressalta-se a queda de produção de melão, que foi estimada em -49,87% em 2015, comparada ao ano de 2014. A produção de melancia e banana também indica drásticas reduções, com variações de -56,56% e -14,94%, respectivamente. Vale ressaltar que essas três culturas citadas são as frutas frescas mais exportadas pelo Ceará. O melão ocupava a primeira posição na produção de frutas frescas, mas diante da redução passou a ocupar o terceiro lugar. Com relação às demais frutas, conforme mostra a Tabela 4.2, a exceção de castanha de caju que indicou crescimento de 1,77%, todas as demais culturas de fruticultura apontam queda na

produção de 2015, comparada ao safra de 2014. Destaca-se a produção de abacaxi, que reduziu -74,78%, mamão (-49,87%), maracujá (-35,37%) e coco-da-baía (-23,31%).

Até o ano passado algumas das fruticultura mais resistentes a seca conseguiram ter maior produção, porém com a degradação do solo muitas dessas culturas tiveram produtividades menores em 2015.

Tabela 4.2: Produção (em toneladas) obtida e estimativa de Frutas no Ceará 2014-2015^(*)

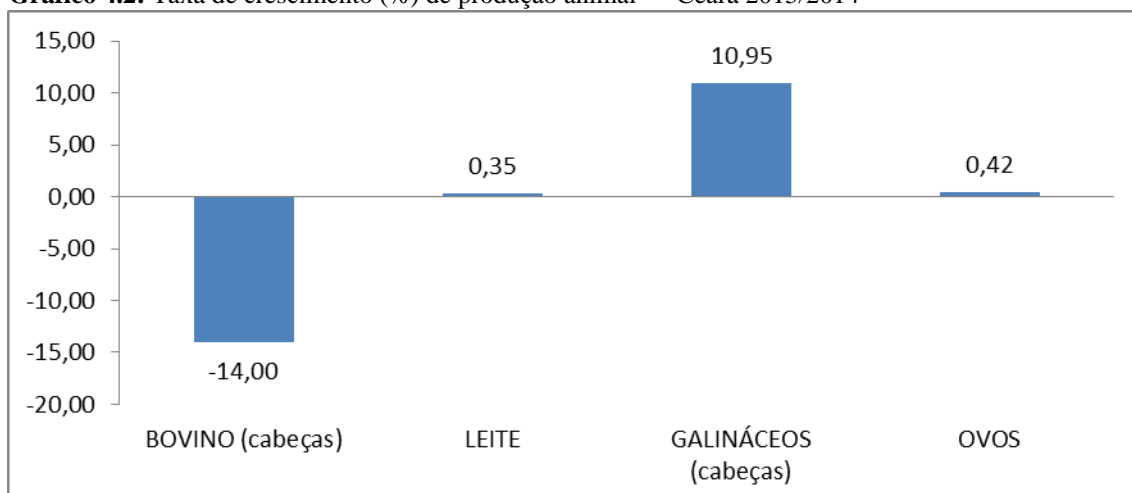
Produção de Frutas	Produção 2014	Estimativa 2015	Varição (%) 15/14
Acerola	14.849	12.477	-15,97
Banana	452.541	384.929	-14,94
Goiaba	18.936	14.005	-26,04
Laranja	12.684	9.909	-21,88
Mamão	98.773	94.487	-4,34
Manga	49.305	45.259	-8,21
Maracujá	144.024	93.079	-35,37
Melancia	82.424	35.805	-56,56
Melão	222.391	111.487	-49,87
Abacaxi **	10.403	2.624	-74,78
Castanha de caju	51.211	52.118	1,77
Coco-da-baía **	246.959	189.398	-23,31

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Notas: (*) O valor de 2014 refere-se a produção obtida e o valor de 2015 corresponde a estimativa.

Com relação a produção pecuária, destaca-se a atividade de galináceos, que indica crescimento de 10,95%, comparado com o ano de 2014. O aumento do consumo de carne de aves e ovos da região Nordeste, observada nos últimos anos, vem estimulando o crescimento desse segmento na própria região, com destaque para o Ceará, que vem aproveitando esse momento para garantir uma participação significativa desse mercado.

O Ceará também vem ganhando destaque na produção de leite, dado o crescimento ocorrido nos últimos anos. Esse aumento atribui-se a criação de vacas em áreas irrigadas, sistema que vem dando certo ao se tornar menos dependente das chuvas e por não utilizar um grande volume de água assim como o armazenamento da palma forrageira que é utilizada como ração. Mas vale ressaltar que o quadro climático vem afetando o bom resultado dessa atividade nos últimos meses.

Quanto a produção de bovino as estimativas indicaram uma queda de 14% para o ano de 2015, comparado ao ano de 2014. (Gráfico 4.2).

Gráfico 4.2: Taxa de crescimento (%) de produção animal* – Ceará 2015/2014

Fonte: IBGE/IPECE. Elaboração: IPECE. * Estimativa com base na Pesquisa de ABATE.

O setor agropecuário do Ceará em 2015 mostrou resultados negativos diante do cenário climático que a região vem apresentando nos últimos anos, com chuvas abaixo da média normal, agravamento da redução do baixo volume de água armazenada, baixa umidade e degradação do solo.

Destaca-se um fato preocupante para o ano de 2016 o baixo volume de água dos reservatórios hídricos cearenses, que encerrou o ano de 2015 com pouco mais de 12% da capacidade de armazenamento do Estado. Essa situação pode se agravar ainda mais diante do prognóstico realizado pela FUNCEME, indicando maior probabilidade de que as chuvas ocorridas no Ceará mantenham-se abaixo da média. Por conta dessa estiagem as ações para regular o consumo de água no ano de 2016 serão ainda mais intensivas de forma a garantir o suprimento para o consumo humano, nas áreas rurais e urbanas, bem como para a produção. Dessa forma, existe um alerta de forte redução também das lavouras desenvolvidas por sistema de irrigação, a destacar as frutas (melão, banana, melancia), tornando preocupante a prática dessa produção para o ano de 2016.

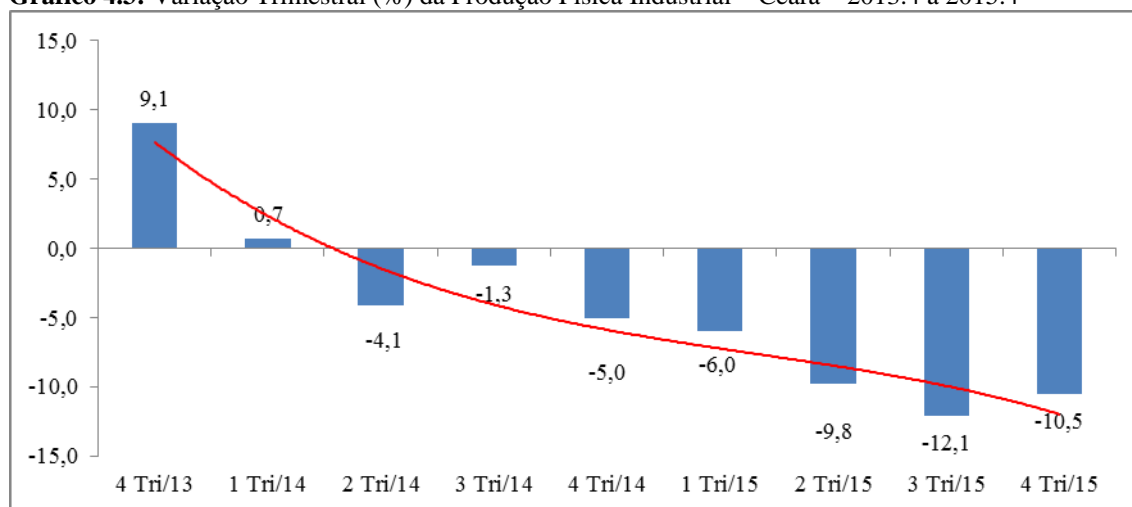
4.2 Indústria

Indústria de Transformação (Produção Física)

Como tem ocorrido desde o início de 2014, a indústria de transformação cearense fechou mais um trimestre de resultados negativos na produção. No último quarto de 2015, a atividade industrial amargou uma nova redução de 10,5% na comparação com o mesmo período de 2014, segundo o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)³.

O resultado para o quarto trimestre do ano se constitui no sétimo período de queda seguida na produção da indústria cearense quando se faz a comparação trimestral. De fato, os resultados negativos se sucedem desde o segundo trimestre do ano de 2014. Tal quadro de reduções seguidas na produção tornam os números de 2015 ainda mais expressivos, uma vez que as fortes quedas da atividade observadas neste ano se dão sobre uma base de comparação já deprimida. O Gráfico 4.3, a seguir, mostra as taxas trimestrais.

Gráfico 4.3: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2013.4 a 2015.4



Fonte:

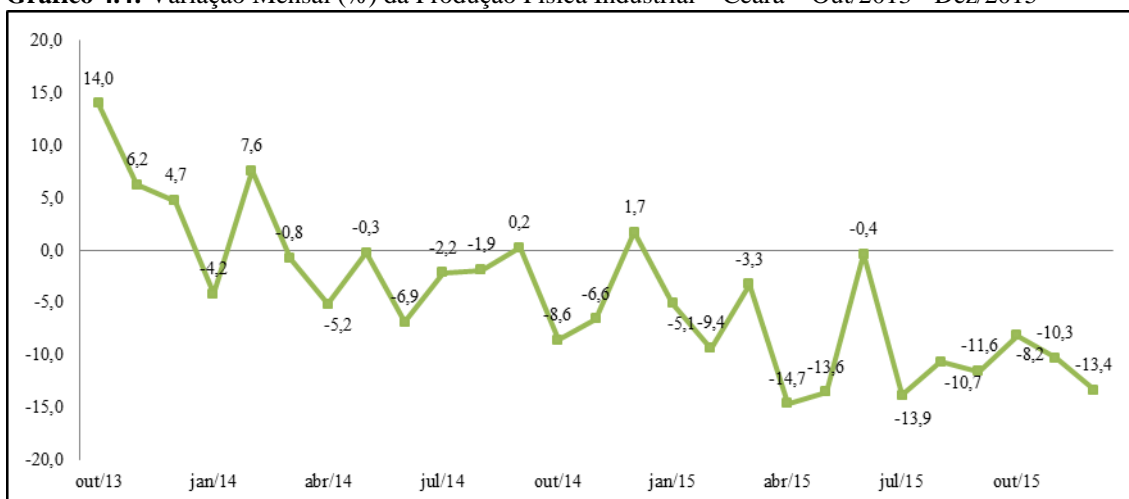
PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. () Linha de Tendência.

Na avaliação mensal, os meses de outubro, novembro e dezembro foram de quedas contínuas na atividade industrial, como mostra o Gráfico 4.4. Ao longo de 2015, todos os meses apresentaram redução no ritmo da atividade na comparação ao ano anterior. Na verdade, nos últimos 24 meses, apenas em três foram registrados crescimento na produção.

³ É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0, b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes, e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm

Gráfico 4.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará – Out/2013 - Dez/2015

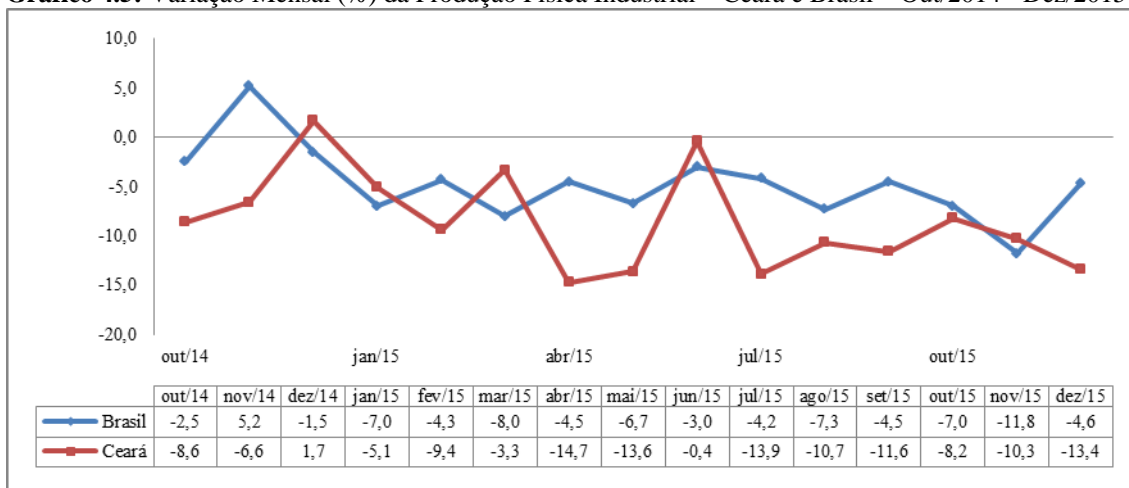


Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Ao longo do ano, de modo semelhante, as trajetórias das indústrias cearense e brasileira se situaram em terreno negativo, embora em alguns momentos as taxas tenham sido diferentes em intensidade. Os movimentos evidenciam a conjuntura recessiva para a atividade em um quadro comum ao país e ao estado do Ceará. O Gráfico 4.5, a seguir, apresenta as taxas mensais.

Gráfico 4.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil – Out/2014 - Dez/2015



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

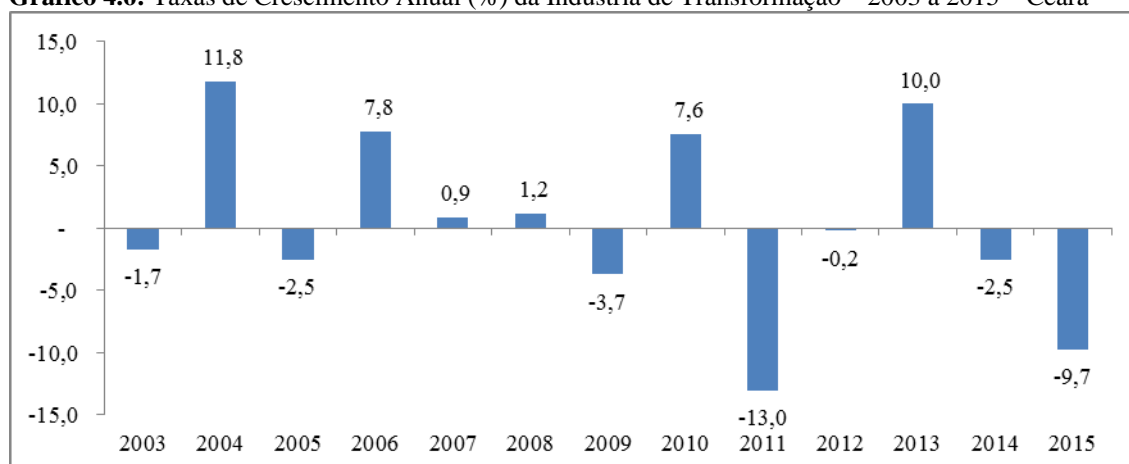
Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O ano de 2015 chega ao final confirmando um quadro grave de redução na produção industrial em todas as comparações com o ano anterior. Tal quadro, na verdade, já vem sendo construído desde 2014, mês após mês, e evidencia um processo persistente de deterioração da

atividade manufatureira no Ceará. De fato, o ano de 2015 se encerra com uma redução de 9,7% na produção industrial do Estado.

Como destacado no início do documento, o resultado de 2015 se torna mais severo ao se dá sobre uma base de comparação já bastante deprimida como foi o ano de 2014. Além disso, ao se observar os anos anteriores, tem-se que 2015 foi o segundo pior ano para a indústria desde o início da atual série de dados, em 2002. Apenas em 2011 se alcançou resultado pior, queda de 13,0%. O desempenho da indústria cearense em 2015 foi também abordado, e com mais detalhes, no informativo Enfoque Econômico nº 137⁴. Dele se extrai o Gráfico 4.6 que mostra o comportamento nos últimos anos.

Gráfico 4.6: Taxas de Crescimento Anual (%) da Indústria de Transformação – 2003 a 2015 – Ceará



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE. Cálculo a partir do índice acumulado no ano para o mês de dezembro de cada ano (base igual período do ano anterior). Taxas de crescimento com relação ao ano anterior. Extraído do Enfoque Econômico nº 137 – A Indústria de Transformação Cearense em 2015. A publicação está disponível no endereço eletrônico:

http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/enfoque-conomico/EnfoqueEconomicoN137_18_02_2016.pdf

Como já discutido nos últimos informativos, a realidade cearense é, na verdade, comum às demais unidades da federação. O ambiente de menor dinamismo e retração na indústria ocorre na maior parte dos Estados brasileiros, independente do perfil industrial ou do nível de competitividade apresentada por estas.

Entre as quatorze unidades com levantamento, apenas duas delas acumularam resultados positivos em 2015. Entre aquelas que apresentaram redução, destaque para os principais parques industriais do país, como Amazonas (-17,7%), Rio Grande do Sul (-11,8%), Rio de Janeiro (-11,2%) e São Paulo (-11,0%). Por outro lado, com resultados positivos, as indústrias

⁴ Enfoque Econômico nº 137 – A Indústria de Transformação Cearense em 2015. A publicação está disponível no endereço eletrônico:

http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/enfoque-conomico/EnfoqueEconomicoN137_18_02_2016.pdf

de Mato Grosso (4,7%) e Espírito Santo (1,7%). A indústria nacional encolheu em 9,9%, enquanto a manufatura no Nordeste encolheu relativamente menos, 2,7% em 2015. A Tabela 4.3 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e região.

Tabela 4.3: Variação (%) da Produção Física Industrial – Brasil e Estados – Out-Dez/2014 e 2015 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)	Variação Mensal (2015)			Acumulado Ano (2015)
	Out	Nov	Dez		Out	Nov	Dez	
Brasil	-4,2	-7,3	-4,5	-4,2	-12,5	-12,8	-12,2	-9,9
Nordeste	4,1	-0,6	-1,0	0,2	-2,7	-5,6	-4,9	-2,7
Mato Grosso	4,3	6,9	8,0	4,2	4,4	5,9	18,7	4,7
Espírito Santo	-4,1	-2,5	-10,5	-3,5	-2,0	1,1	4,6	1,7
Goiás	13,2	13,2	-5,6	6,0	-8,6	-11,3	-2,3	-2,3
Pernambuco	-5,7	-2,1	-7,9	0,3	-3,7	-0,5	-9,8	-3,5
Pará	-3,8	-5,2	-3,4	-0,8	-6,3	-6,3	-10,4	-3,6
Bahia	9,3	0,0	-2,0	-2,9	-9,1	-13,2	-5,7	-7,0
Santa Catarina	-3,3	-5,4	-2,8	-2,5	-12,0	-6,0	-9,8	-7,9
Paraná	-7,0	-7,2	4,7	-5,1	-14,4	-16,4	-16,1	-9,6
Ceará	-8,6	-6,6	1,7	-2,5	-8,2	-10,3	-13,4	-9,7
Minas Gerais	-5,1	-6,2	-5,8	-3,9	-10,5	-14,0	-8,9	-10,1
São Paulo	-5,2	-11,0	-8,0	-6,2	-12,9	-13,3	-12,4	-11,0
Rio de Janeiro	-9,4	-5,1	-4,1	-4,6	-15,6	-15,4	-15,8	-11,2
Rio Grande do Sul	-4,5	-6,0	-0,1	-4,3	-16,8	-13,4	-11,5	-11,8
Amazonas	-9,9	-17,4	-5,2	-4,0	-21,3	-20,9	-31,7	-17,7

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2015.

Resultados Setoriais

A redução na produção entre os setores industriais no quarto trimestre de 2015 foi ainda mais intensa que aquelas observadas nos trimestres anteriores. Entre outubro e dezembro, todas as atividades pesquisadas, a exceção da fabricação de produtos derivados do petróleo, registraram quedas na produção em relação a 2014.

Como tem sido destacado nas últimas edições do documento, os resultados setoriais caminham persistentemente em terreno negativo e confirmam um ambiente de forte retração da indústria de transformação no Ceará. Os resultados negativos em 2015 surgem de uma combinação perversa para atividade industrial: a existência de problemas estruturais de competitividade agravados por complicações conjunturais, que incluem uma crise econômica alimentada pelo desarranjo nas finanças públicas da União e dos Estados, e uma crise política diante da incapacidade de governar do poder executivo federal.

Neste quadro, tem-se um ambiente totalmente desfavorável à construção de expectativas positivas por parte dos agentes. A esse ambiente, soma-se a redução do consumo das famílias

resultado de uma inflação crescente e do encarecimento do crédito. Tais elementos ajudam a entender as reduções continuadas na produção.

No ano de 2015, segmentos importantes da indústria local registraram resultados negativos na maior parte dos trimestres. No último quarto do ano, com queda na produção se destacaram os setores de Couro e calçados (-15,8%), Têxtil (-35,8%) e Confecções (-16,0%), sempre na comparação com mesmo período do ano anterior.

As explicações para tais resultados são as mesmas. O setor Têxtil apresentou uma clara perda de competitividade da produção local diante da concorrência nacional e com produtos externos, mesmo diante das mudanças favoráveis do câmbio. A produção de calçados se ressentiu da conjuntura interna menos favorável e ainda não foi beneficiada das alterações na taxa de câmbio, que deixaram os produtos locais com preços mais competitivos no mercado internacional. Quanto à produção de confecções, a redução pode estar associada ao menor poder de compra, comprimindo a restrição orçamentária das famílias, bem como à concorrência com produtores nacionais. A Tabela 4.4 apresenta os números.

Tabela 4.4: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores – Ceará – 2014 e 2015

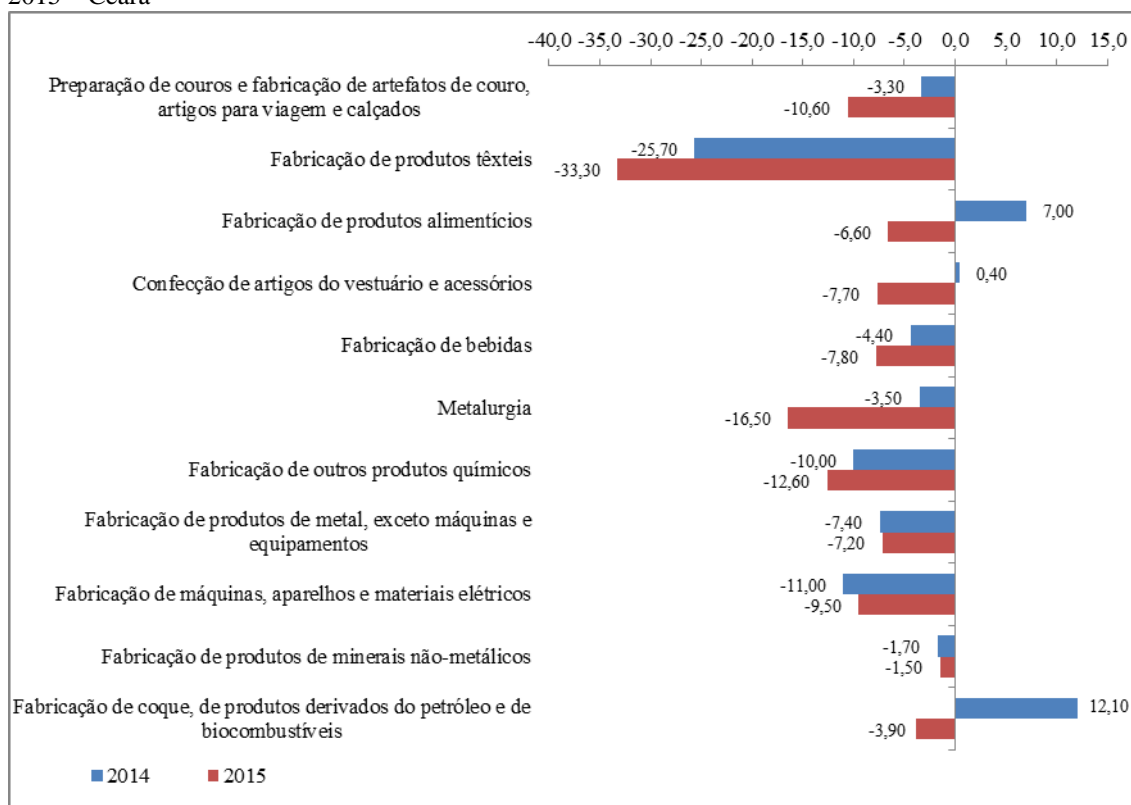
Setores	Variação Trimestral (2014)				Variação Trimestral (2015)			
	2014.I	2014.II	2014.III	2014.IV	2015.I	2015.II	2015.III	2015.IV
Indústrias de Transformação	0,7	-4,1	-1,3	-5,0	-6,0	-9,8	-12,1	-10,5
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-9,9	-6,7	2,3	-0,4	0,1	-11,3	-13,1	-15,8
Fabricação de produtos têxteis	-21,5	-23,5	-22,8	-35,8	-25,5	-34,7	-37,3	-35,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	22,2	-8,5	-2,5	-4,0	-14,0	6,4	-6,6	-16,0
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	9,1	-7,6	-17,3	-11,4	-4,7	-4,2	6,0	-24,4
Metalurgia	-10,7	-3,9	-3,1	3,6	-8,0	-13,6	-13,9	-28,9
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,6	-9,0	-2,3	3,9	0,0	4,5	-0,6	-8,6
Fabricação de produtos alimentícios	9,0	7,9	9,4	1,8	-1,7	-7,5	-13,6	-2,6
Fabricação de outros produtos químicos	-8,3	-17,0	-0,9	-15,7	-16,1	6,5	-23,9	-9,0
Fabricação de bebidas	7,2	-0,1	-11,3	-9,9	-7,9	-16,1	-6,1	-2,6
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,8	-17,9	-4,4	-21,1	-10,2	-17,5	-9,2	-2,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	17,1	21,0	9,6	2,1	-2,7	-17,9	-10,1	16,8

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pela maior contribuição ao resultado do trimestre 2015.IV.

O desempenho de cada atividade industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 4.7, a seguir, que compara a taxa de crescimento para os anos de 2014 e 2015. No último ano, todas as atividades industriais reduziram a produção na compara com 2014, resultado natural diante da sequência de quedas ao longo dos trimestres.

Gráfico 4.7: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Atividades Industriais- 2014 e 2015 – Ceará



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pela maior contribuição ao resultado acumulado de 2015.

Em resumo, a avaliação para o quarto trimestre do ano de 2015 acentua as análises negativas comuns aos períodos anteriores. Os resultados confirmam a plena continuidade de encolhimento para atividade industrial no Estado e no país.

Como mencionado no último informativo, na segunda metade ano, as instabilidades e incertezas econômicas e políticas se agravaram e tornaram o ambiente ainda pior e mais adverso para economia e para indústria. O grave quadro de imprevisibilidade quanto aos rumos futuros da economia, inclusive no curto prazo, em virtude da deterioração do ambiente político nacional e da incapacidade do governo em promover medidas importantes para

correção dos desequilíbrios macroeconômicos atualmente presentes, em especial no âmbito fiscal, tem apresentado repercussões diretas na economia.

Para indústria cearense, em particular, esse quadro se mostrou especialmente nocivo dada sua estrutura produtiva caracterizada pela produção de bens não duráveis voltados ao consumo final. Além disso, o Ceará ainda enfrentou a concorrência dos demais Estados brasileiros, o que elevou o grau das dificuldades com que se deparou.

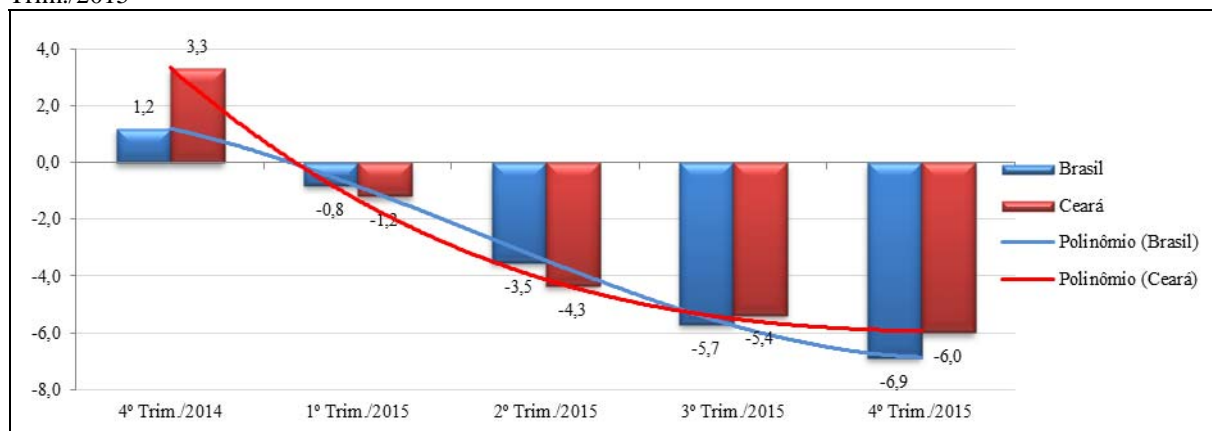
Para o futuro próximo, os ajustes econômicos em nível federal são necessários para reverter o processo de deterioração das expectativas e início de uma retomada da economia e da indústria, em específico. De todo modo, a despeito do ambiente político e do encaminhamento das reformas para iniciar a saída da crise, no ano de 2016, o fim dos estoques industriais e o reequilíbrio do câmbio em patamares mais realistas podem conferir algum alívio a atividade.

4.3 Serviços (Comércio Varejista)

Varejo Comum

Dados da PMC divulgados pelo IBGE apresenta a dinâmica das vendas trimestrais no período que vai do 4º trimestre de 2014 até o 4º trimestre de 2015 no Gráfico 4.8 a seguir. É nítida a trajetória de queda nas vendas trimestrais do varejo comum tanto cearense quanto nacional, sendo que este último apresentou quedas mais significativas nos dois últimos trimestres do ano confirmando a maior deterioração do desempenho das vendas nacionais. Nota-se também que as maiores quedas nas vendas foram observadas no quarto trimestre de 2015.

Gráfico 4.8: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 4º Trim./2014 ao 4º Trim./2015

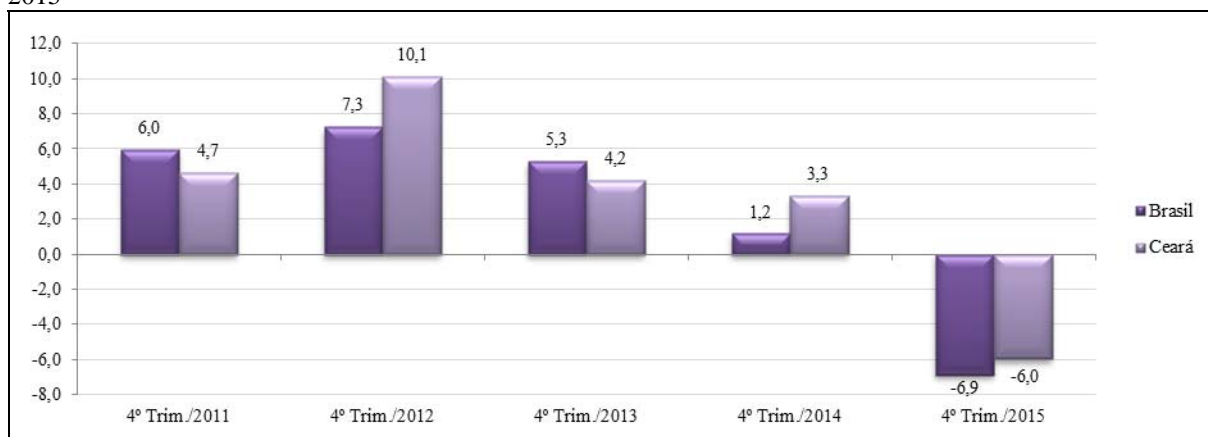


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.9 é possível observar o comportamento do volume das vendas do varejo comum no acumulado do quarto trimestre para os últimos cinco anos. Nota-se que o quarto trimestre

de 2012 foi o que registrou as maiores altas no volume de vendas do varejo comum cearense e nacional e que apenas no ano de 2015 passou-se a observar queda trimestral nas vendas para o referido período. Além disso, a trajetória do ritmo de expansão de vendas torna-se nitidamente declinante a partir de 2012, passando de positivo para negativo apenas no último ano.

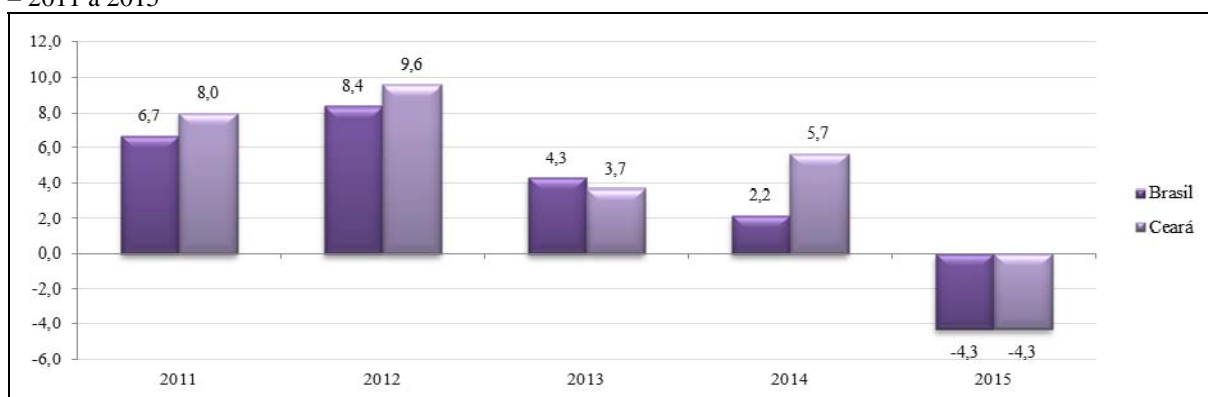
Gráfico 4.9: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 4º Trimestre/2011-2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.10 a seguir é possível observar a variação do volume de vendas do varejo comum no acumulado do ano até o quarto trimestre nos últimos cinco anos. Dessa forma, é possível ter-se uma noção do desempenho das vendas do varejo comum acumulado até o referido trimestre comparado ao mesmo período do ano anterior. Nota-se que também no acumulado do ano até o quarto trimestre o ano de 2012 foi o que registrou as maiores altas de 8,4% para o varejo nacional e de 9,6% para o varejo cearense. Todavia, no acumulado do ano de 2015, o varejo comum nacional e cearense passaram registrar baixas significativas de 4,3%.

Gráfico 4.10: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º Trimestre – 2011 a 2015

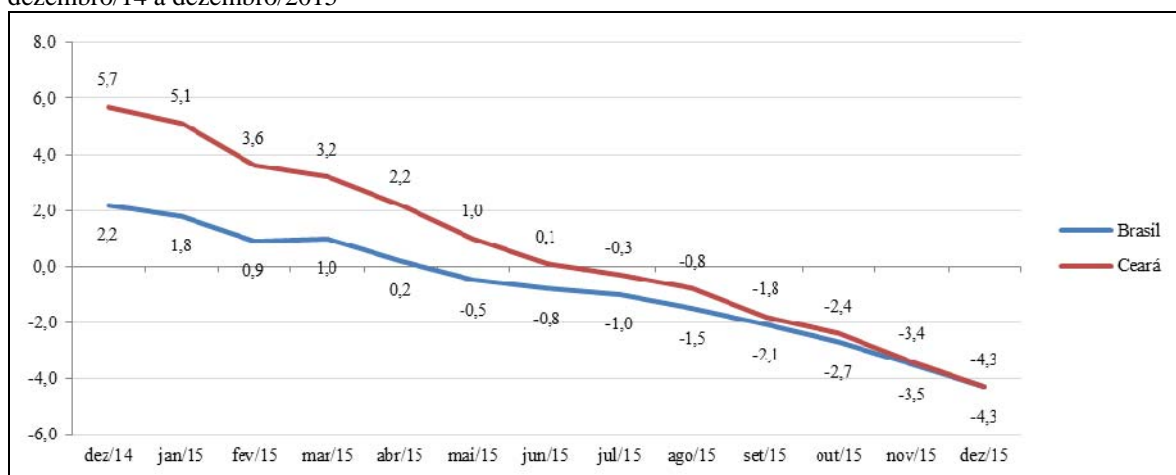


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Os Gráficos 4.11, 4.12 e 4.13 a seguir mostram a trajetória da dinâmica de curto, médio e longo prazo do volume de vendas varejo comum nacional e cearense capturada pela taxa de variação do acumulado de 12 meses, refletindo de forma mais explícita o efeito marginal do desempenho mensal das vendas do varejo.

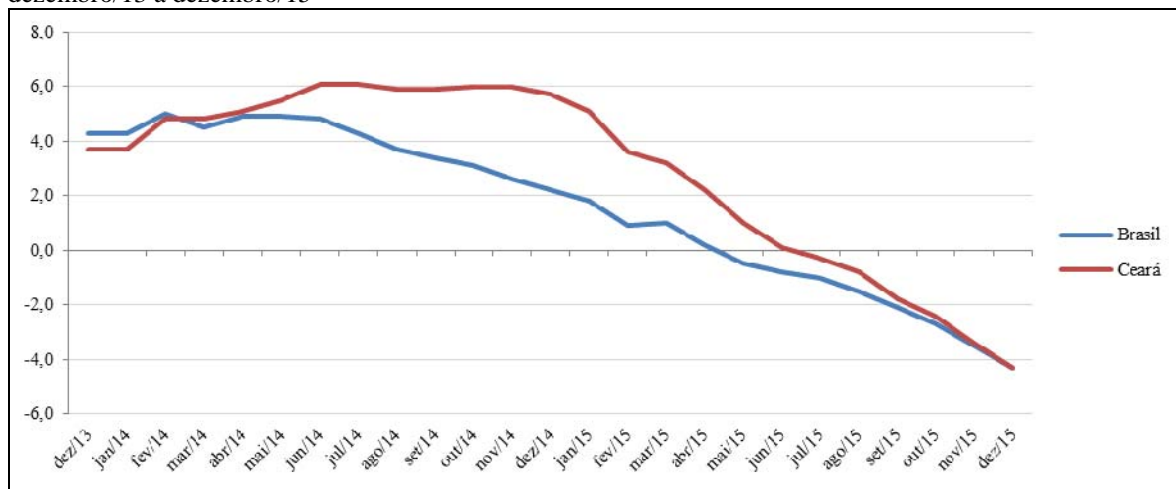
Pela análise do Gráfico 4.11 observa-se que o reflexo negativo das vendas nacionais e cearenses mês após mês afetou sobremaneira a trajetória positiva de crescimento do varejo. A taxa de crescimento acumulada em 12 meses de janeiro de 2015 foi de 5,1% para o varejo cearense e de apenas 1,8% para o varejo nacional. Contudo, em dezembro de 2015 foram registradas as maiores quedas no acumulado de 12 meses iguais a 4,3% tanto para o Brasil como para o Ceará.

Gráfico 4.11: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Acumulado de 12 meses – dezembro/14 a dezembro/2015



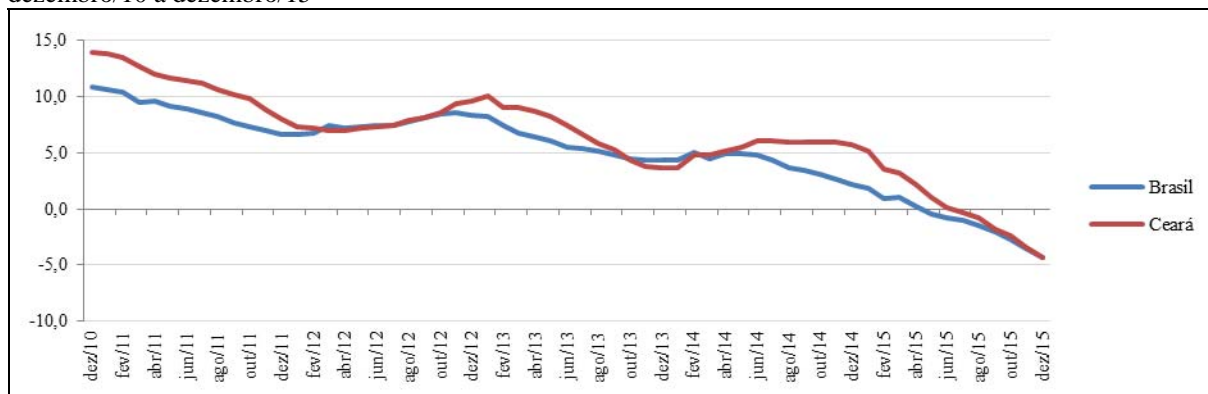
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.12 observa-se a trajetória do varejo comum nacional e cearense no médio prazo. É possível observar que as vendas do varejo comum cearense vinham se mantendo num certo patamar de estabilidade ao longo do ano de 2014, apresentando uma maior resistência a piora da conjuntura macroeconômica já observada a partir desse ano, comparativamente ao varejo nacional que foi bastante afetado logo nos primeiros meses desse ano. Nota-se também a desaceleração mais intensa das vendas do varejo cearense ao longo do ano de 2015.

Gráfico 4.12: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Acumulado de 12 meses – dezembro/13 a dezembro/15

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.13 apresenta-se a visão de longo prazo da trajetória das vendas do varejo nacional e cearense observada para os últimos cinco anos. Nota-se que os momentos de recuperação nas vendas do varejo nacional e cearense ocorreram ao longo de 2012 e no primeiro semestre de 2014. Contudo, a partir do segundo semestre de 2014 já é possível observar um nítido comportamento de desaquecimento das vendas do varejo nacional e local.

Gráfico 4.13: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Acumulado de 12 meses – dezembro/10 a dezembro/15

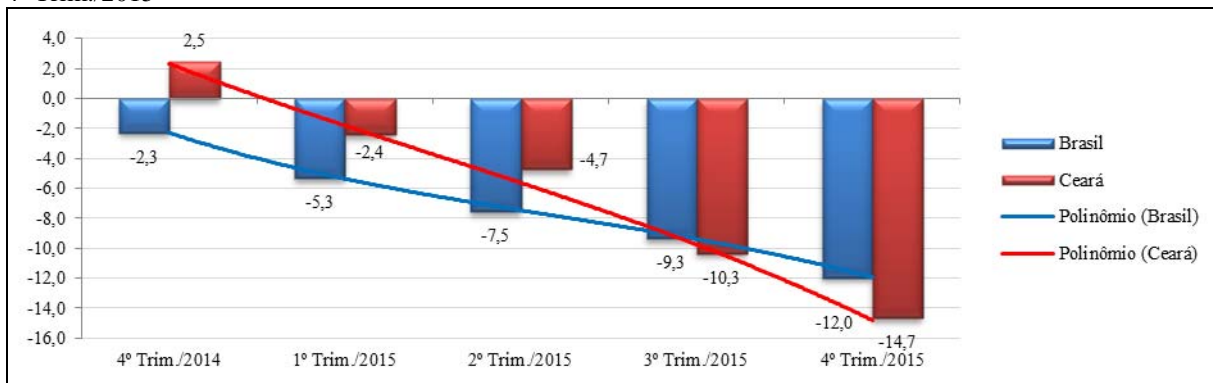
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Varejo Ampliado

O Gráfico 4.14 a seguir apresenta a dinâmica das vendas trimestrais do varejo ampliado no período compreendido entre o 4º trimestre de 2014 e o 4º trimestre de 2015. O varejo ampliado experimentou uma trajetória de queda trimestral tanto no Brasil quanto no Ceará, sendo que, diferente do ocorrido no varejo comum, as vendas cearenses apresentaram quedas mais significativas nos últimos dois trimestres do ano, confirmando, assim, a maior

deterioração nas vendas locais provocadas pelo forte desaquecimento nas vendas dos setores de veículos e de materiais de construção.

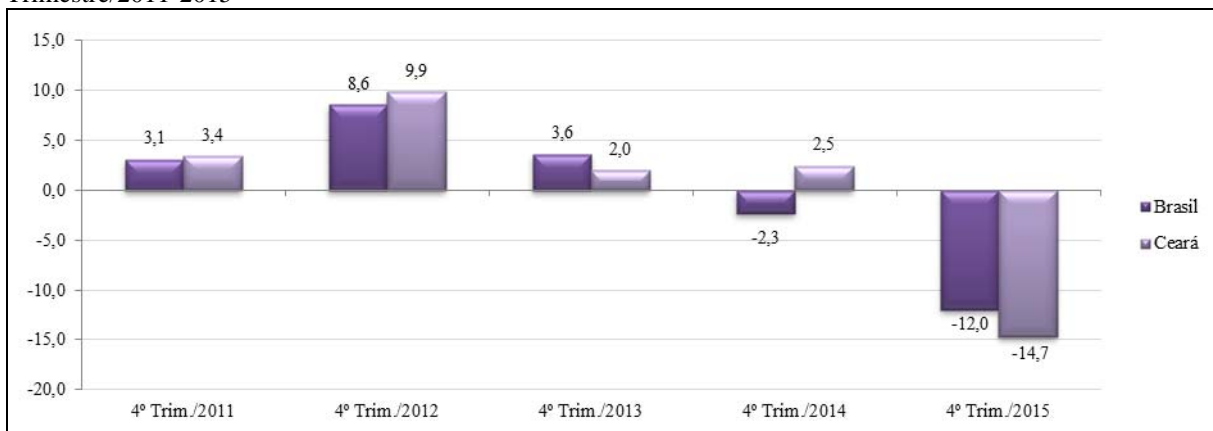
Gráfico 4.14: Variação trimestral do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 4º Trim./2014 ao 4º Trim./2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já no Gráfico 4.15 é possível observar o comportamento do volume das vendas do varejo ampliado no acumulado do quarto trimestre para os últimos cinco anos. Nota-se que o quarto trimestre de 2012 foi o que registrou as maiores altas no volume de vendas do varejo ampliado cearense e nacional. No 4º trimestre de 2014, o varejo ampliado nacional já mostrava queda nas vendas, ampliando-se ainda mais no 4º trimestre de 2015. Enquanto isso, o varejo ampliado cearense passou a registrar queda significativa apenas no último período. Com isso, a trajetória do ritmo de expansão de vendas torna-se nitidamente declinante a partir de 2012, passando de positivo para negativo no último ano.

Gráfico 4.15: Variação trimestral do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 4º Trimestre/2011-2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.16 abaixo é possível observar a variação do volume de vendas do varejo ampliado no acumulado do ano até o quarto trimestre nos últimos cinco anos. Nota-se que também no acumulado do ano até o quarto trimestre o ano de 2012 foi o que registrou as maiores altas de 8,0% para o varejo nacional e de 9,1% para o varejo cearense. Todavia, no acumulado do ano de 2015, o varejo ampliado nacional e cearense passaram registrar baixas expressivas de 8,6% e 8,3%, respectivamente.

Gráfico 4.16: Variação do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2011 a 2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Análise do Comércio Varejista no Contexto Nacional

A Tabela 4.5 apresenta a variação trimestral do volume de vendas do varejo comum para o Brasil e todos os estados do país para o período do quarto trimestre dos últimos cinco anos. No quarto trimestre de 2011, apenas um estado havia registrado queda nas vendas do varejo comum, Sergipe (-1,7%). Já em 2012 e 2013, nenhum estado registrou queda neste período.

No quarto trimestre de 2014, os estados de São Paulo, Distrito Federal, Amazonas, Espírito Santo e Goiás apresentaram queda nas vendas do varejo comum. Contudo, em 2015, todos os estados do país apresentaram queda nas vendas do varejo comum no quarto trimestre, com as maiores quedas sendo observadas nos estados de Amapá (-24,5%), Paraíba (-14,5%), Rondônia (-12,6%), Bahia (-12,2%) e Goiás (-11,8%). Vale ressaltar que um total de onze estados apresentaram queda nas vendas acima de 10 pontos percentuais.

O Ceará registrou queda de 6,0% do período, ou seja, a sexta menor queda, superado apenas pelos estados de Roraima (-1,2%), Minas Gerais (-1,8%), Mato Grosso do Sul (-4,8%), São Paulo (-5,1%) e Rio de Janeiro (-5,5%).

Tabela 4.5: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Estados – 4º Trimestre – 2011 a 2015

Estados	4º Trim./2011	4º Trim./2012	4º Trim./2013	4º Trim./2014	4º Trim./2015	4º Trim./2011-4º Trim./2015
Roraima	12,4	22,1	0,2	22,5	-1,2	-13,6
Minas Gerais	9,3	3,1	2,4	2,7	-1,8	-11,1
Mato Grosso do Sul	8,4	17,8	10,7	3,3	-4,8	-13,2
São Paulo	5,9	9,0	5,2	-0,4	-5,1	-11,0
Rio de Janeiro	3,8	4,5	5,2	2,9	-5,5	-9,3
Ceará	4,7	10,1	4,2	3,3	-6,0	-10,7
Distrito Federal	3,6	0,0	4,8	-3,2	-6,8	-10,4
Rio Grande do Norte	5,5	8,3	8,0	3,4	-7,6	-13,1
Piauí	4,8	5,0	4,8	3,6	-7,9	-12,6
Paraná	9,9	6,5	9,4	1,9	-8,1	-18,0
Rio Grande do Sul	5,2	7,9	4,1	0,3	-8,3	-13,5
Alagoas	1,8	8,4	9,2	1,3	-9,7	-11,4
Tocantins	22,3	15,7	3,8	4,3	-9,8	-32,1
Amazonas	3,1	0,0	8,0	-0,9	-9,9	-12,9
Pará	7,7	4,3	7,4	3,2	-9,9	-17,6
Santa Catarina	7,3	6,6	3,8	2,2	-9,9	-17,2
Mato Grosso	3,8	4,9	6,0	1,7	-10,5	-14,3
Sergipe	-1,7	4,3	2,5	1,6	-10,9	-9,1
Pernambuco	5,0	10,6	6,7	1,5	-10,9	-16,0
Maranhão	7,7	12,7	10,9	2,6	-11,2	-18,9
Acre	4,9	9,0	11,2	10,0	-11,3	-16,3
Espírito Santo	5,5	12,8	0,0	-0,1	-11,6	-17,1
Goiás	5,3	6,5	6,4	-0,7	-11,8	-17,1
Bahia	3,4	7,9	5,5	2,0	-12,2	-15,6
Rondônia	6,5	5,6	11,7	9,2	-12,6	-19,1
Paraíba	14,3	11,8	7,7	1,3	-14,5	-28,7
Amapá	3,3	15,6	2,4	11,6	-24,5	-27,8
Brasil	6,0	7,3	5,3	1,2	-6,9	-12,8

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

A Tabela 4.8 abaixo apresenta a variação do volume de vendas do varejo comum para o acumulado do ano até o quarto trimestre dos últimos cinco anos. Aqui, também se observa que no ano de 2015, apenas um estado registrou variação positiva de 6,5% nas vendas do varejo comum. Os estados que registraram as maiores quedas no acumulado do ano foram: Amapá (-12,4%), Paraíba (-10,3%), Goiás (-10,2%), Mato Grosso (-8,2%) e Bahia (-8,1%).

Em 2015, o varejo comum cearense ocupou a décima segunda colocação, superado pelos estados que registraram menores baixas nas vendas tais como: Mato Grosso do Sul, Sergipe, Minas Gerais, Acre, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Norte e Tocantins.

Na Tabela 4.9 a seguir têm-se os resultados da variação das vendas do quarto trimestre para o varejo ampliado dos últimos cinco anos. Nota-se que todos os estados do país apresentaram queda nas vendas no último trimestre de 2015. Alguns estados como: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Bahia, Paraná, Alagoas, Mato Grosso, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Goiás e Espírito Santo registraram queda sucessiva nos últimos dois anos.

Os estados que registraram as maiores quedas no referido período foram: Tocantins (-23,4%), Amapá (-23,2%), Espírito Santo (-21,2%) e Goiás (-20,6%), todos acima dos vinte pontos percentuais. Nota-se ainda que onze estados registraram queda entre 15 e 20 pontos percentuais. O estado do Ceará com queda de 14,7%, registrou ocupou a décima segunda colocação dentre todos os estados brasileiros.

Tabela 4.8: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Estados – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2011 a 2015

Estados	2011	2012	2013	2014	2015	2011-2015
Roraima	10,6	26,7	3,3	9,9	6,5	-4,1
Mato Grosso do Sul	5,5	16,9	10,9	4,1	-1,6	-7,1
Sergipe	0,5	5,4	2,8	1,6	-1,9	-2,4
Minas Gerais	10,0	6,7	0,9	2,6	-1,9	-11,9
Acre	9,5	12,8	4,0	12,6	-2,4	-11,9
Santa Catarina	6,3	7,4	2,6	0,4	-3,1	-9,4
Rio de Janeiro	6,8	4,1	5,0	3,2	-3,2	-10,0
Paraná	7,0	9,9	6,4	2,3	-3,2	-10,2
São Paulo	5,9	9,7	4,2	1,2	-3,5	-9,4
Rio Grande do Norte	7,0	7,0	9,3	3,2	-3,8	-10,8
Tocantins	25,2	15,5	4,9	5,7	-3,8	-29,0
Ceará	8,0	9,6	3,7	5,7	-4,3	-12,3
Piauí	5,0	7,0	3,8	2,6	-4,6	-9,6
Pará	8,1	8,1	5,9	2,9	-4,9	-13,0
Distrito Federal	4,3	4,5	2,8	0,1	-5,8	-10,1
Rondônia	10,6	5,7	9,3	9,3	-6,0	-16,6
Rio Grande do Sul	6,1	9,0	3,8	2,3	-6,1	-12,2
Maranhão	9,4	11,8	8,5	5,5	-7,0	-16,4
Amazonas	4,9	4,3	3,9	0,3	-7,3	-12,2
Espírito Santo	7,5	10,6	1,5	0,3	-7,6	-15,1
Pernambuco	6,6	10,9	6,1	2,8	-7,7	-14,3
Alagoas	3,5	8,4	7,0	4,5	-8,0	-11,5
Bahia	7,1	9,7	2,7	4,6	-8,1	-15,2
Mato Grosso	3,7	6,5	6,0	2,5	-8,2	-11,9
Goiás	7,4	8,8	4,6	1,4	-10,2	-17,6
Paraíba	14,2	9,6	9,2	2,6	-10,3	-24,5
Amapá	0,9	18,1	3,0	9,0	-12,4	-13,3
Brasil	6,7	8,4	4,3	2,2	-4,3	-11,0

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

Tabela 4.9: Variação trimestral do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – 4º Trimestre – 2011 a 2015

Estados	4º Trim./2011	4º Trim./2012	4º Trim./2013	4º Trim./2014	4º Trim./2015	4º Trim./2011-4º Trim./2015
São Paulo	3,4	9,3	4,0	-8,0	-5,3	-8,7
Minas Gerais	4,9	6,6	-4,3	0,2	-7,0	-11,9
Roraima	10,2	16,0	-2,0	16,0	-8,8	-19,1
Mato Grosso do Sul	0,7	13,4	4,6	-0,1	-10,5	-11,1
Rio Grande do Norte	2,1	10,2	7,6	3,2	-11,9	-14,1
Bahia	-0,1	11,4	2,9	-0,5	-13,6	-13,5
Pará	3,5	12,3	0,7	4,9	-13,7	-17,2
Rondônia	2,9	5,3	-1,8	6,9	-14,1	-17,0
Piauí	5,5	8,4	3,9	2,6	-14,2	-19,7
Rio de Janeiro	1,9	5,2	6,0	2,9	-14,4	-16,3
Paraná	6,1	6,1	7,6	-2,5	-14,6	-20,7
Ceará	3,4	9,9	2,0	2,5	-14,7	-18,1
Alagoas	-2,7	14,8	8,4	-0,8	-15,7	-13,0
Santa Catarina	4,0	7,3	5,3	1,7	-15,8	-19,8
Mato Grosso	6,0	12,4	1,9	-0,3	-15,8	-21,8
Amazonas	2,6	-0,3	8,0	0,2	-16,3	-18,9
Distrito Federal	-0,9	5,2	0,3	-3,7	-16,7	-15,7
Pernambuco	1,7	9,7	6,6	1,1	-17,0	-18,7
Rio Grande do Sul	2,6	10,1	7,1	-2,7	-18,0	-20,6
Sergipe	-2,9	7,9	1,3	0,9	-18,6	-15,7
Paraíba	7,1	10,7	6,6	0,8	-19,0	-26,0
Maranhão	6,0	15,4	3,2	4,3	-19,9	-25,9
Acre	-2,4	13,0	11,9	3,7	-19,9	-17,5
Goiás	-0,0	11,6	2,5	-2,4	-20,6	-20,5
Espírito Santo	2,7	9,2	-5,0	-2,2	-21,2	-23,9
Amapá	-9,0	17,9	-4,9	5,3	-23,2	-14,2
Tocantins	16,7	16,8	-2,4	10,8	-23,4	-40,1
Brasil	3,1	8,6	3,6	-2,3	-12,0	-15,0

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

Por fim, na Tabela 4.10 temos a variação do volume de vendas do varejo ampliado no acumulado do ano até o quarto trimestre para todos os estados brasileiros. Novamente tem-se uma nítida retração de vendas no acumulado do ano de 2015 para todos os estados brasileiros. Os estados que registraram as maiores quedas acumuladas foram: Espírito Santo (-16,2%), Goiás (-15,0%), Tocantins (-14,9%), Paraíba (-14,6%) e Rio Grande do Sul (-13,2%). O estado do Ceará registrou a nona maior queda no varejo ampliado no acumulado do ano de 2015, dentre todos os estados brasileiros, a primeira desde o início da pesquisa mensal do comércio.

Tabela 4.10: Variação do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2011 a 2015

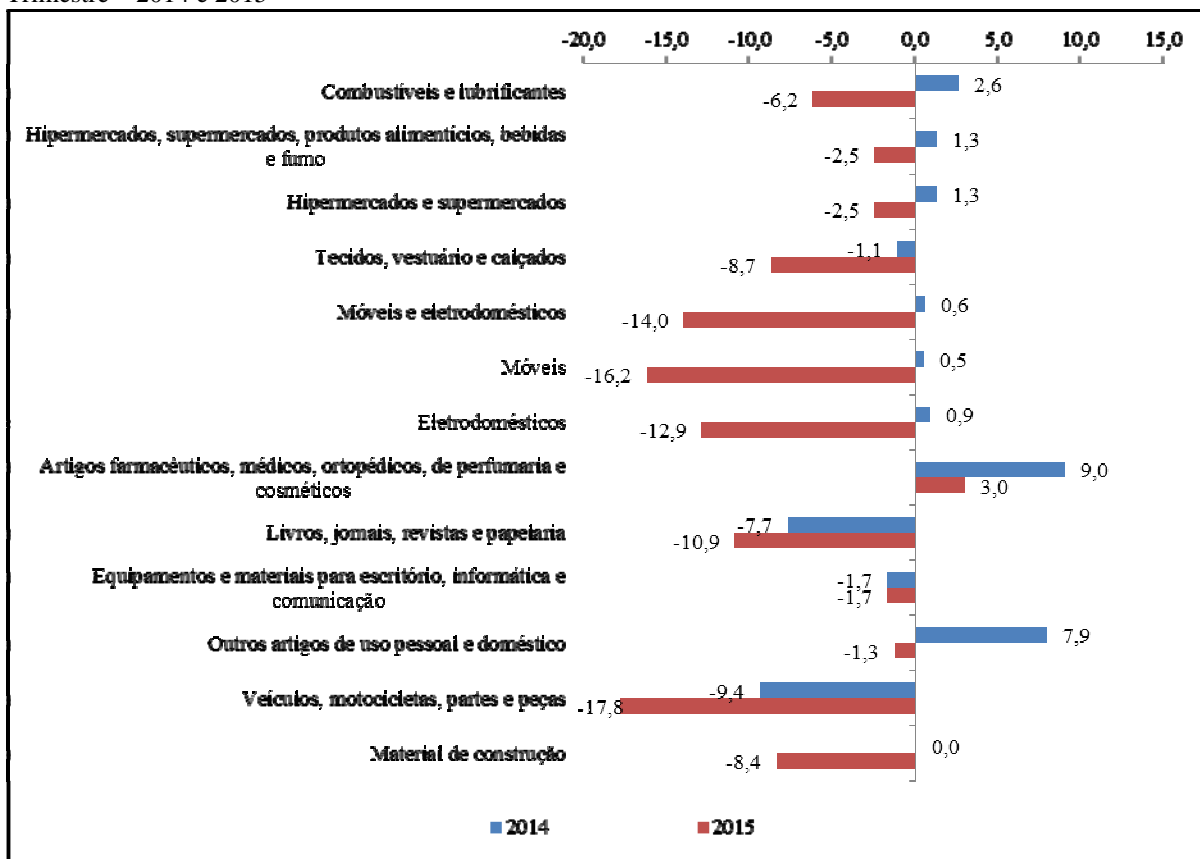
Estados	2011	2012	2013	2014	2015	2011-2015
Roraima	9,4	17,8	3,1	7,1	-0,7	-10,1
Rio Grande do Norte	5,5	7,6	8,8	2,2	-5,9	-11,4
São Paulo	5,8	9,7	3,0	-6,2	-5,9	-11,7
Mato Grosso do Sul	3,9	9,6	7,7	-0,6	-6,1	-10,0
Pará	6,1	11,9	2,6	2,0	-6,6	-12,7
Minas Gerais	9,0	5,7	-0,4	-0,2	-7,0	-16,0
Rio de Janeiro	6,6	4,1	6,1	1,7	-8,0	-14,6
Sergipe	0,0	7,5	2,0	2,2	-8,2	-8,2
Ceará	8,6	9,1	0,0	4,0	-8,3	-16,9
Piauí	5,1	9,1	5,9	1,4	-8,9	-14,0
Bahia	4,7	11,0	1,7	1,1	-9,3	-14,0
Paraná	8,8	8,5	7,0	-3,0	-9,3	-18,1
Rondônia	6,4	5,9	1,0	5,7	-9,8	-16,2
Santa Catarina	7,8	4,3	3,7	1,5	-10,1	-17,9
Amazonas	2,6	1,6	4,6	1,9	-10,5	-13,1
Pernambuco	5,9	9,1	5,2	1,4	-10,8	-16,7
Alagoas	3,3	13,0	5,1	2,3	-10,9	-14,2
Maranhão	9,7	11,4	5,3	3,0	-11,3	-21,0
Acre	7,1	9,4	11,1	4,7	-11,4	-18,5
Mato Grosso	9,2	14,3	4,8	0,5	-11,5	-20,7
Distrito Federal	2,1	6,8	-0,3	-0,5	-12,3	-14,4
Amapá	-4,6	12,2	1,3	-0,2	-12,6	-8,0
Rio Grande do Sul	6,2	8,8	6,4	0,3	-13,2	-19,4
Paraíba	10,0	7,4	8,4	2,5	-14,6	-24,6
Tocantins	22,2	15,7	2,4	5,3	-14,9	-37,1
Goiás	7,4	8,6	5,3	-2,3	-15,0	-22,4
Espírito Santo	15,0	2,8	-4,3	-3,9	-16,2	-31,2
Brasil	6,6	8,0	3,6	-1,7	-8,6	-15,2

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

Análise do Comércio Varejista por Atividades

O Gráfico 4.17 compara a variação das vendas por atividades do varejo nacional no acumulado do ano até o 4º trimestre para os anos de 2014 (azul) e 2015 (vermelho).

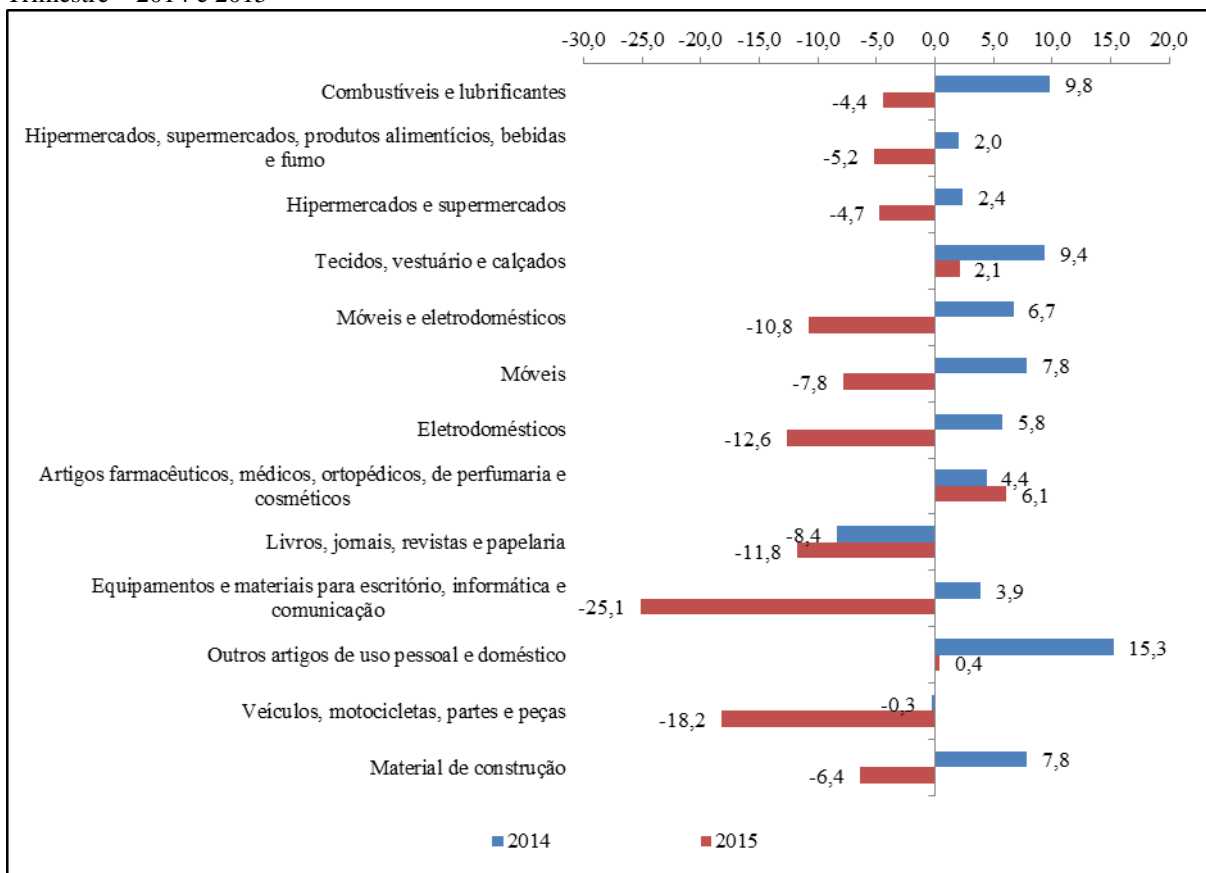
Das treze atividades observadas, apenas Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+3,0%) apresentou crescimento nas vendas no acumulado do ano de 2015. Por outro lado, as maiores quedas nas vendas foram observadas nos seguintes setores: Veículos, motocicletas, partes e peças (-17,8%); Móveis (16,2%); Eletrodomésticos (12,9%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-10,9%) e Material de construção (-8,4%). Vale destacar que os setores de Veículos, motocicletas, partes e peças; Livros, jornais, revistas e papelaria; Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e de Tecidos, vestuário e calçados haviam também registrado queda nas vendas no acumulado do ano de 2014.

Gráfico 4.17: Variação do volume de vendas do varejo por atividades – Brasil – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2014 e 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

Por sua vez, o Gráfico 4.18 apresenta a variação do volume de vendas do varejo por atividades para o estado do Ceará no acumulado do ano até o quarto trimestre dos anos de 2014 e 2015. Nota-se que apenas duas delas registraram aumento nas vendas em 2015, na comparação com 2014: Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (6,1%) e Tecidos, vestuário e calçados (+2,1%). As maiores quedas foram observadas nos setores de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-25,1%); Veículos, motocicletas, partes e peças (-18,2%); Eletrodomésticos (-12,6%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-11,8%); Móveis (-7,8%) e Material de construção (-6,4%). No acumulado do ano de 2014, apenas Livros, jornais, revistas e papelaria (-8,4%) e Veículos, motocicletas, partes e peças (-0,3%) apresentaram queda comparada ao acumulado do ano de 2013.

Gráfico 4.18: Variação do volume de vendas do varejo por atividades – Ceará – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2014 e 2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE.

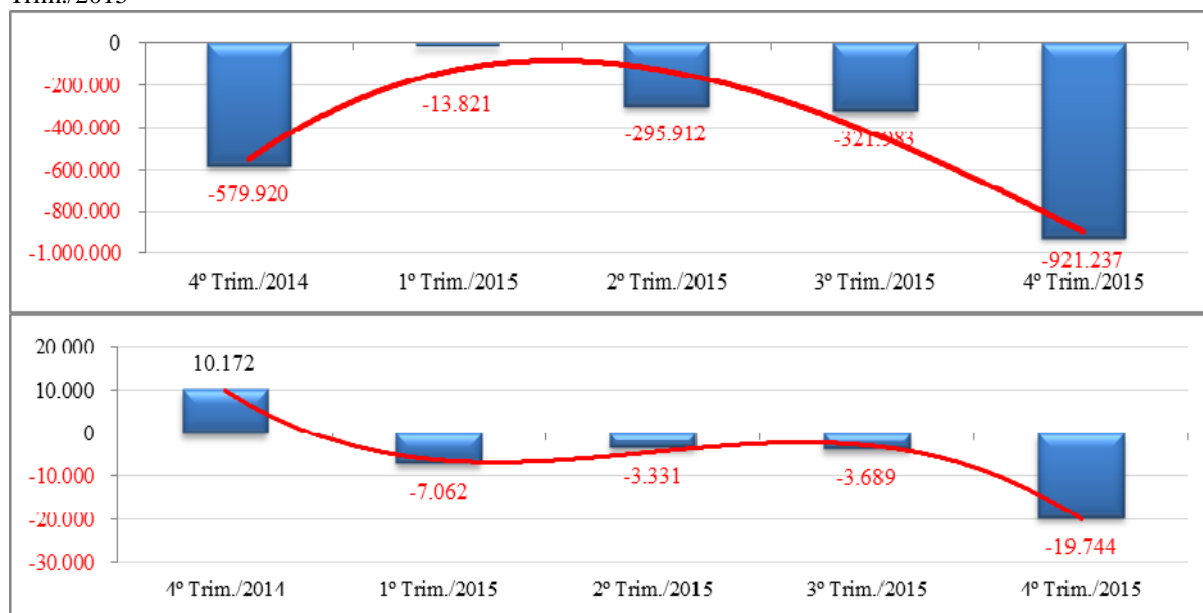
5 MERCADO DE TRABALHO

5.1. Emprego Formal

Dados da CAGED do MTE apresentados no Gráfico 5.1 a seguir mostram a evolução trimestral do saldo de empregos com carteira assinada do Brasil e Ceará ao longo do ano de 2015. Como resultado da dinâmica mensal da geração e destruição de empregos observa-se que o fechamento de vagas de trabalho deu-se de modo crescente, alcançando a maior marca no último trimestre do ano, com marca bastante expressiva de 921.237 vagas, número este bem superior ao observado em igual período de 2014, quando foram fechadas 579.920 vagas. Destaca-se novamente a mudança de comportamento sazonal da geração e destruição de empregos captada agora por trimestres, quando comumente ocorriam criação de vagas nos três primeiros trimestres do ano.

No estado do Ceará, também foram observados fechamento de postos de trabalho em todos os trimestres do ano de 2015, com a maior perda de vagas de emprego novamente ocorrendo no quarto trimestre e a menor no segundo trimestre do ano. Diferentemente do país, no quarto trimestre de 2014 foram registradas abertura de 10.172 vagas. Também foi percebida a mudança no comportamento trimestral de geração de novos empregos que no estado ocorre nos últimos três trimestres do ano.

Gráfico 5.1: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – 4º Trim./2014 ao 4º Trim./2015



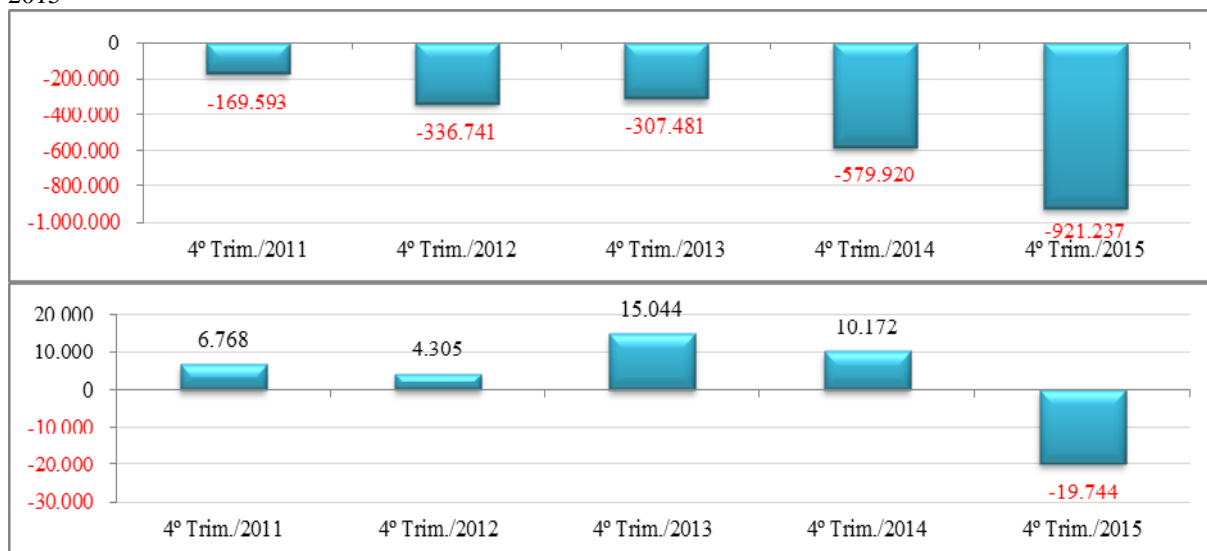
Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

A partir do Gráfico 5.2 observa-se a evolução do saldo de empregos celetistas brasileiro e cearense para o quarto trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que o 4º trimestre de 2015

foi o período que mais se fechou vagas de emprego no país. Quase três vezes maior o observado nos anos de 2012 e 2013 e quase o dobro do observado em 2014. Contudo, vale destacar que o quarto trimestre de 2015, também foi o período que mais fechou vagas nos últimos onze anos de registros do CAGED, cujo segundo maior fechamento trimestral de postos de trabalho ocorreu no 4º trimestre de 2008 (-642.238 vagas).

Diferentemente dos últimos cinco anos, o 4º trimestre de 2015 registrou fechamento de postos de trabalho na economia cearense. Vale destacar que no 4º trimestre de 2013, haviam sido criadas mais de 15 mil novas vagas de emprego para o período. Por fim, vale destacar que nunca foi observado fechamento de vagas de trabalho com carteira assinada no 4º trimestre em anos anteriores desde 2004.

Gráfico 5.2: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – 4º Trimestre/2011-2015

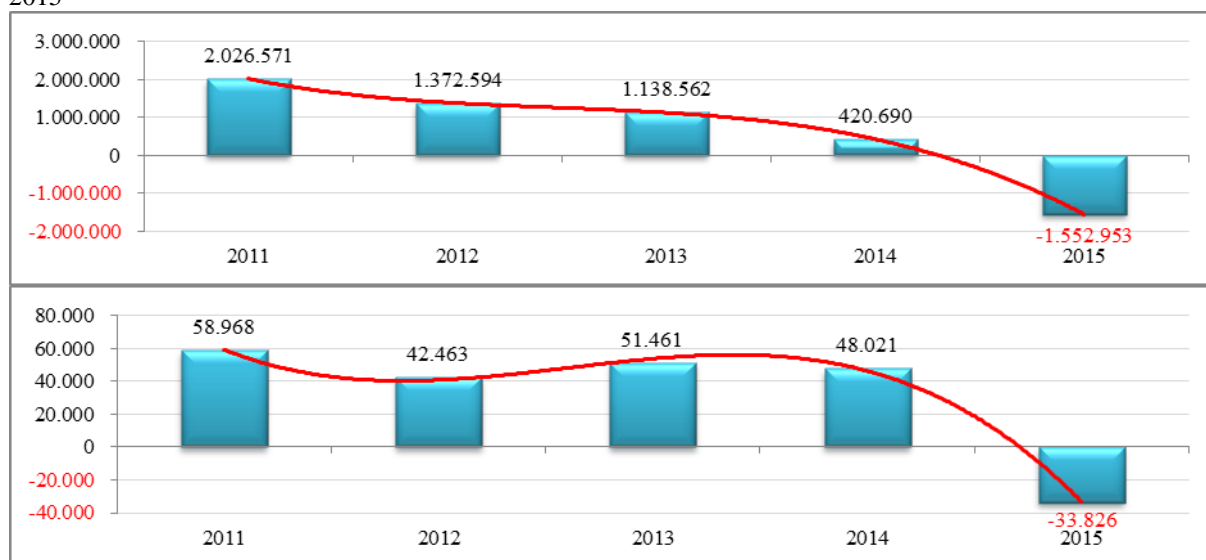


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

O Gráfico 5.3 a seguir expõe a dinâmica da geração e destruição dos empregos celetistas no mercado de trabalho brasileiro e cearense para o acumulado do ano até o 4º trimestre nos últimos cinco anos. O maior saldo positivo de empregos no Brasil dos últimos cinco anos foi observado em 2011 com 2.26.571 vagas, ou seja, o segundo maior saldo positivo de empregos superado apenas pela marca de 2010 quando foram gerados no Brasil, 2.629.827 novos postos de trabalho com carteira assinada. Nota-se que a trajetória da geração de novos postos de trabalho perdeu força tornando-se negativa apenas no acumulado do ano de 2015, quando foi registrado o primeiro saldo negativo anual dos últimos onze anos dentro dos registros do CAGED.

Fato semelhante foi observado na economia cearense quando a dinâmica da geração de novos postos de trabalho também perdeu força a partir de 2011, passando a registrar pela primeira vez saldo negativo de empregos no ano de 2015. Vale destacar que o saldo recorde na geração de novos empregos no estado do Ceará ocorreu em 2010 (+86.306 vagas), seguido por 2009 (+77.504 vagas) e 2011 (+58.968 vagas).

Gráfico 5.3: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º Trimestre – 2011 a 2015



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

A Tabela 5.1 abaixo mostra a evolução trimestral do saldo de empregos celetistas para o Brasil e estados ao longo do ano de 2015. Nota-se que no 1º trimestre do referido ano, apenas dez estados geraram empregos com carteira assinada. No 2º trimestre este número caiu para quatro estados. No 3º trimestre, subiu para 10 estados. Já no 4º trimestre, apenas Alagoas registrou saldo positivo de empregos. O estado do Ceará registrou o décimo segundo maior saldo negativo de empregos do país e o 3º maior da região Nordeste no 4º trimestre de 2015, superado pelos estados de Pernambuco (-26.830 vagas) e Bahia (-38.089 vagas) no mesmo período.

Tabela 5.1: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Estados – 1º Trim./2014 ao 4º Trim./2015

Estados	4º Trim./2014	1º Trim./2015	2º Trim./2015	3º Trim./2015	4º Trim./2015
Alagoas	12.555	-1.957	-24.854	13.488	8.358
Roraima	-1.122	-267	-331	719	-582
Amapá	-563	-2.433	-1.212	-414	-670
Sergipe	1.217	284	-6.010	1.538	-948
Acre	-2.326	-1.552	578	1.173	-2.394
Tocantins	-3.975	1.598	-219	-247	-3.330
Piauí	-487	595	451	1.145	-4.495
Rio Grande do Norte	-921	-4.283	-4.548	1.927	-5.162
Paraíba	2.997	-6.866	-6.252	3.341	-5.476
Rondônia	-5.393	-3.555	-2.772	-1.253	-8.240
Mato Grosso do Sul	-13.308	1.401	2.013	-5.928	-9.299
Distrito Federal	-12.349	-331	-733	-2.184	-13.289
Maranhão	-12.461	-6.505	-1.596	5.329	-13.727
Amazonas	-4.961	-4.365	-11.098	-4.817	-17.333
Espírito Santo	-8.502	-5.264	-9.154	-12.750	-17.835
Ceará	10.172	-7.062	-3.331	-3.689	-19.744
Mato Grosso	-27.024	10.929	-71	294	-26.093
Pernambuco	-16.001	-34.057	-32.597	3.702	-26.830
Pará	-19.747	-5.109	-3.333	2.414	-31.253
Bahia	-25.344	-5.927	-14.730	-17.910	-38.089
Goiás	-40.115	16.368	8.997	-5.683	-44.302
Rio Grande do Sul	-25.539	25.560	-36.690	-38.757	-45.342
Santa Catarina	-24.370	32.121	-18.297	-26.031	-46.552
Paraná	-46.095	26.659	-11.321	-28.484	-63.050
Rio de Janeiro	-8.588	-47.005	-30.077	-35.299	-72.011
Minas Gerais	-80.436	-10.015	-3.115	-73.981	-109.980
São Paulo	-227.234	17.217	-85.610	-99.626	-303.569
Brasil	-579.920	-13.821	-295.912	-321.983	-921.237

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

Na Tabela 5.2 observa-se a evolução trimestral do saldo de empregos celetista brasileiro e por estados para o período do 4º Trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que a geração de um saldo negativo de empregos com carteira assinada é comum nesse período para a maioria dos estados, a exceção ficando por conta de dez estados: Alagoas, Roraima, Amapá, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Nota-se ainda que no 4º trimestre de 2014, apenas quatro estados geraram empregos celetistas: Alagoas (+12.555 vagas); Ceará (+10.172 vagas); Paraíba (+2.997 vagas) e Sergipe (+1.217 vagas).

Tabela 5.2: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Estados – 4º Trimestre – 2011 a 2015

Estados	4º Trim./2011	4º Trim./2012	4º Trim./2013	4º Trim./2014	4º Trim./2015
Alagoas	7.716	7.369	19.976	12.555	8.358
Roraima	977	235	-524	-1.122	-582
Amapá	1.498	-502	372	-563	-670
Sergipe	2.823	1.102	7.012	1.217	-948
Acre	-434	-2.582	-1.055	-2.326	-2.394
Tocantins	-152	-2.290	-871	-3.975	-3.330
Piauí	-301	-985	942	-487	-4.495
Rio Grande do Norte	836	-712	4.110	-921	-5.162
Paraíba	4.531	3.603	5.811	2.997	-5.476
Rondônia	-4.041	-5.615	-6.930	-5.393	-8.240
Mato Grosso do Sul	-12.333	-6.680	-7.254	-13.308	-9.299
Distrito Federal	-1.624	-2.715	-5.374	-12.349	-13.289
Maranhão	3.498	-4.361	46	-12.461	-13.727
Amazonas	-439	-4.908	1.252	-4.961	-17.333
Espírito Santo	3.469	-447	-1.020	-8.502	-17.835
Ceará	6.768	4.305	15.044	10.172	-19.744
Mato Grosso	-16.752	-16.025	-17.059	-27.024	-26.093
Pernambuco	14.213	-1.190	8.732	-16.001	-26.830
Pará	7.176	-7.612	-6.087	-19.747	-31.253
Bahia	-6.966	-10.639	-5.466	-25.344	-38.089
Goiás	-33.574	-27.118	-31.339	-40.115	-44.302
Rio Grande do Sul	10.206	2.740	-8.822	-25.539	-45.342
Santa Catarina	743	-14.202	-13.306	-24.370	-46.552
Paraná	-15.254	-31.801	-30.656	-46.095	-63.050
Rio de Janeiro	30.725	7.381	16.362	-8.588	-72.011
Minas Gerais	-31.998	-77.416	-74.246	-80.436	-109.980
São Paulo	-140.904	-145.676	-177.131	-227.234	-303.569
Brasil	-169.593	-336.741	-307.481	-579.920	-921.237

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

A Tabela 5.3 a seguir mostra o saldo acumulado anual de empregos até o 4º trimestre dos últimos cinco anos. Em 2015, todos os estados brasileiros apresentaram saldo negativo anual de empregos. Cinco anos antes, todos os estados haviam criado empregos com carteira assinada, repetindo esse feito um depois. Já em 2013, os estados de Rondônia (-2.685 vagas) e Alagoas (-628 vagas) registraram destruição de postos de trabalho e em 2014, esse número já tinha subido para cinco estados: Pernambuco (-9.566 vagas); Amazonas (-3.829 vagas); Alagoas (-2.362 vagas); Rondônia (-1.016 vagas); e Amapá (-529 vagas), apesar de ser um ano de eleições.

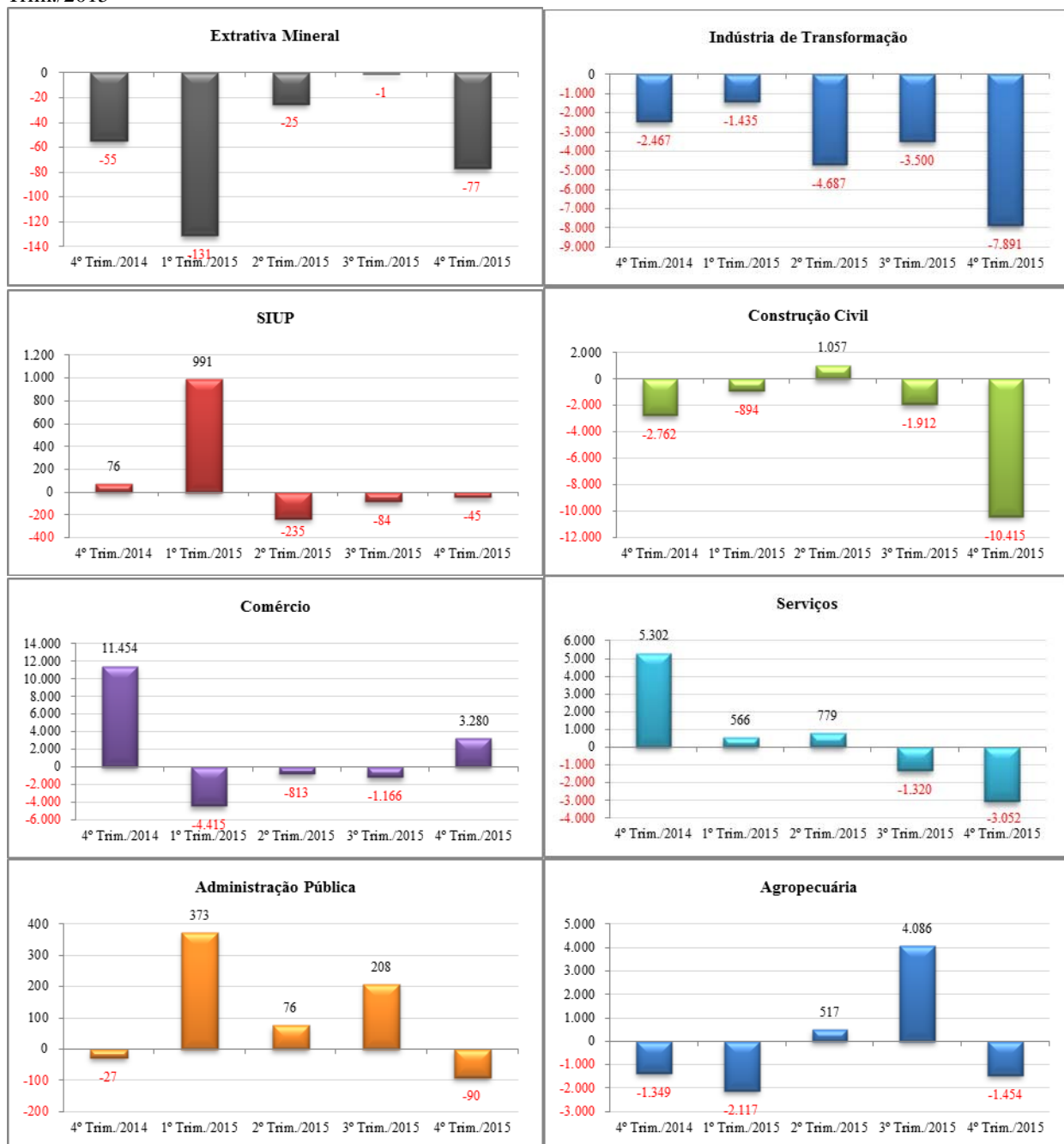
Tabela 5.3: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil e Estados – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2011 a 2015

Estados	2011	2012	2013	2014	2015
Roraima	3.247	3.799	201	2.326	-461
Acre	6.306	2.523	2.071	1.160	-2.195
Tocantins	9.931	9.759	7.463	8.259	-2.198
Piauí	11.756	12.471	12.945	11.558	-2.304
Amapá	7.919	6.273	4.151	-529	-4.729
Alagoas	22.157	3.307	-628	-2.362	-4.965
Sergipe	20.121	10.888	13.978	9.654	-5.136
Mato Grosso do Sul	24.091	24.824	19.422	2.043	-11.813
Rio Grande do Norte	13.420	13.207	14.093	10.757	-12.066
Mato Grosso	35.819	38.507	26.451	3.741	-14.941
Paraíba	21.882	20.040	16.052	16.888	-15.253
Rondônia	12.922	6.476	-2.685	-1.016	-15.820
Maranhão	28.563	16.308	17.474	1.932	-16.499
Distrito Federal	31.545	26.099	21.555	9.519	-16.537
Goiás	71.952	69.818	63.716	27.376	-24.620
Ceará	58.968	42.463	51.461	48.021	-33.826
Pará	56.217	40.503	29.132	21.074	-37.281
Amazonas	48.360	12.088	26.156	-3.829	-37.613
Espírito Santo	40.975	25.949	19.799	10.091	-45.003
Santa Catarina	82.977	63.763	75.852	53.017	-58.759
Paraná	125.807	89.251	89.109	39.861	-76.196
Bahia	83.161	43.423	53.814	22.873	-76.656
Pernambuco	95.627	52.256	35.068	-9.566	-89.782
Rio Grande do Sul	125.733	85.241	90.286	23.601	-95.229
Rio de Janeiro	208.755	157.127	105.896	54.123	-184.392
Minas Gerais	211.427	148.963	85.313	15.253	-197.091
São Paulo	566.933	347.268	260.417	44.865	-471.588
Brasil	2.026.571	1.372.594	1.138.562	420.690	-1.552.953

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

O Gráfico 5.4 seguinte apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores no estado do Ceará ao longo do ano de 2015. Nota-se que a indústria Extrativa mineral registrou fechamento de vagas em todos os trimestres do ano de 2015, sendo a maior logo no início do ano. Já com relação à Indústria de transformação observa-se que o comportamento de destruição de postos de trabalho acentuou-se trimestre após trimestre, finalizando o ano com o maior saldo negativo de empregos.

O setor de Serviços industriais de utilidade pública apresentou forte saldo positivo de empregos no primeiro trimestre do ano, destruindo postos a partir de então. A Construção civil apontou sinais de recuperação do emprego no segundo trimestre, vindo a piorar o saldo negativo de emprego abruptamente até o quarto trimestre do ano.

Gráfico 5.4: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores –Ceará – 4º Trim./2014 ao 4º Trim./2015

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

O setor de Comércio mostrou recuperação do emprego apenas no último trimestre do ano de 2015, em função das contratações de final de ano para as festas de natal e réveillon. Os Serviços passaram a apresentar fechamento de vagas nos últimos dois trimestres do ano, algo nunca ocorrido antes na economia local desde 2004. A Administração pública apresentou saldo positivo de empregos nos três primeiros meses do ano, com bom número de novas contratações logo no primeiro trimestre. Por fim, a Agropecuária cearense manteve o ritmo

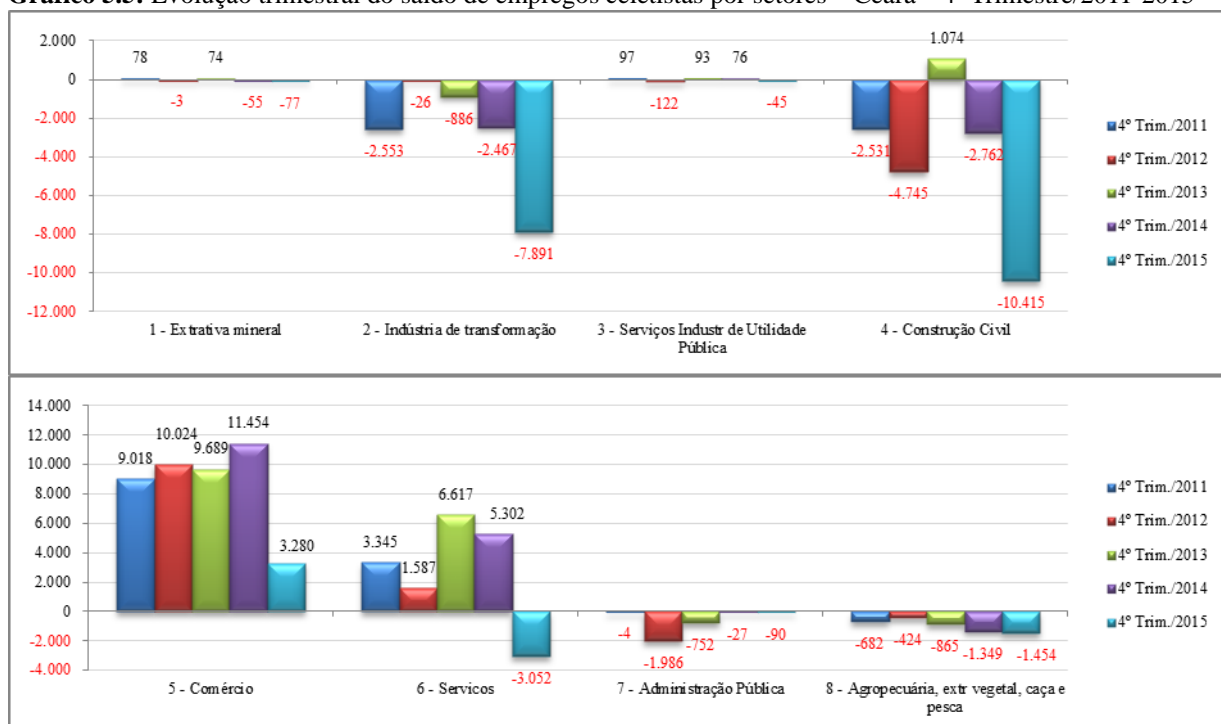
sazonal de contratações e demissões, com saldo positivo crescente entre o segundo e terceiro trimestre do ano e forte número de demissões no primeiro e quarto trimestre.

No Gráfico 5.4, seguinte, apresenta-se a evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores da economia cearense para o 4º trimestre dos últimos cinco anos. Através desse gráfico é possível comparar o desempenho trimestral do setor para diferentes anos.

Nota-se que a indústria Extrativa mineral que havia registrado saldo positivo de emprego no 4º trimestre de 2013, passou a registrar perda de postos de trabalho consecutiva nos últimos dois anos da série. Já a Indústria de transformação comumente registra fechamento de vagas para o referido período. Contudo, em 2015 foi registrado a maior perda de postos de trabalho dos últimos cinco anos para o período analisado. Os Serviços industriais de utilidade pública passaram a registrar saldo negativo no período, ante dois últimos saldos positivos. A Construção civil que havia apresentado uma retomada na criação de novos postos de trabalho em 2013 vem destruindo empregos de forma acentuada nos últimos dois anos, com o 4º trimestre de 2015 apresentando-se como o maior saldo negativo dos últimos cinco anos.

O Comércio manteve a geração de novas vagas de trabalho para o período, mas em 2015, esse ritmo caiu abruptamente, ou seja, quase um quarto do saldo positivo de emprego registrado um ano antes para o período. Diferentemente dos anos de 2011 a 2014, o setor de Serviços passou pela primeira vez a registrar saldo negativo de emprego no último trimestre do ano. Já a Administração pública manteve o ritmo de fechamento de vagas do último trimestre do ano, mas num nível bem inferior ao registrado nos anos de 2012 e 2013. Por fim, a Agropecuária também manteve o ritmo de destruição de postos de trabalho do último trimestre só que de forma mais acentuada que nos anos anteriores.

Pelos dados disponíveis no Gráfico 5.5 abaixo é possível notar que o setor que registrou o maior fechamento de postos de trabalho com carteira assinada no 4º trimestre de 2015 dos últimos cinco anos na economia cearense foi a construção civil, seguida da indústria de transformação e do setor de serviços revelando nítidos sinais dos efeitos da crise atual sobre estes setores.

Gráfico 5.5: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores – Ceará – 4º Trimestre/2011-2015

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

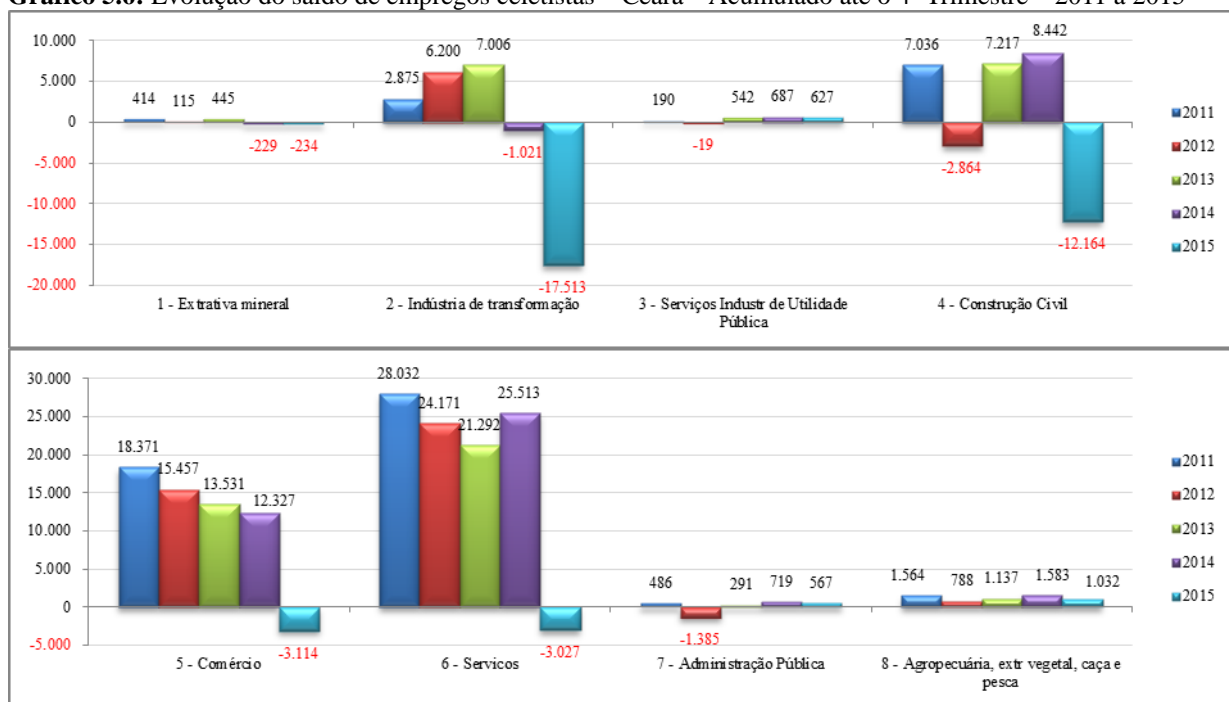
Novamente, é possível observar através do Gráfico 5.6 abaixo a evolução do saldo de empregos com carteira de trabalho assinada na economia cearense para o acumulado até o 4º trimestre dos últimos cinco anos.

Nota-se que a indústria Extrativa mineral passou a apresentar saldo negativo de empregos crescente nos últimos dois anos. Já a Indústria de transformação que já havia apresentado saldo negativo de empregos no acumulado do ano de 2014, registrou um fechamento de vagas intenso e sem precedentes no acumulado do ano de 2015. Com relação aos Serviços industriais de utilidade pública foram observados saldos positivos de empregos em quatro dos últimos cinco anos da série. A Construção civil que havia criado um número significativo de novos postos de trabalho nos anos de 2011, 2013 e 2014, passou também a registrar uma destruição de vagas também sem precedentes em 2015.

Nem a recuperação na geração de novos postos de trabalho no 4º trimestre foi o suficiente para impedir a destruição de empregos no Comércio observada no acumulado do ano de 2015, resultado esse bem diferente do ocorrido em anos anteriores. O setor de Serviços passou também a apresentar perda de postos de trabalho, resultado bem mais significativo na comparação com o setor do comércio, devido a saldos positivos superiores em anos anteriores. O setor da Administração pública aumentou o saldo positivo de empregos na comparação com 2013. Por fim, a Agropecuária também registrou saldo positivo de empregos, mas o segundo maior desde 2011.

Pelos dados dispostos no gráfico 5.3.4 novamente é possível ordenar os setores que mais destruíram postos de trabalho no acumulado do ano até o 4º trimestre de 2015: Indústria de transformação (-17.513 vagas); Construção civil (-12.164 vagas); Comércio (-3.114 vagas); Serviços (-3.027 vagas); Extrativa mineral (-234 vagas). Por outro lado, três setores ainda conseguiram obter êxito na criação de novos postos de trabalho, Agropecuária (+1.032 vagas); Serviços industriais de utilidade pública (+627 vagas); e Administração pública (+567 vagas).

Gráfico 5.6: Evolução do saldo de empregos celetistas – Ceará – Acumulado até o 4º Trimestre – 2011 a 2015

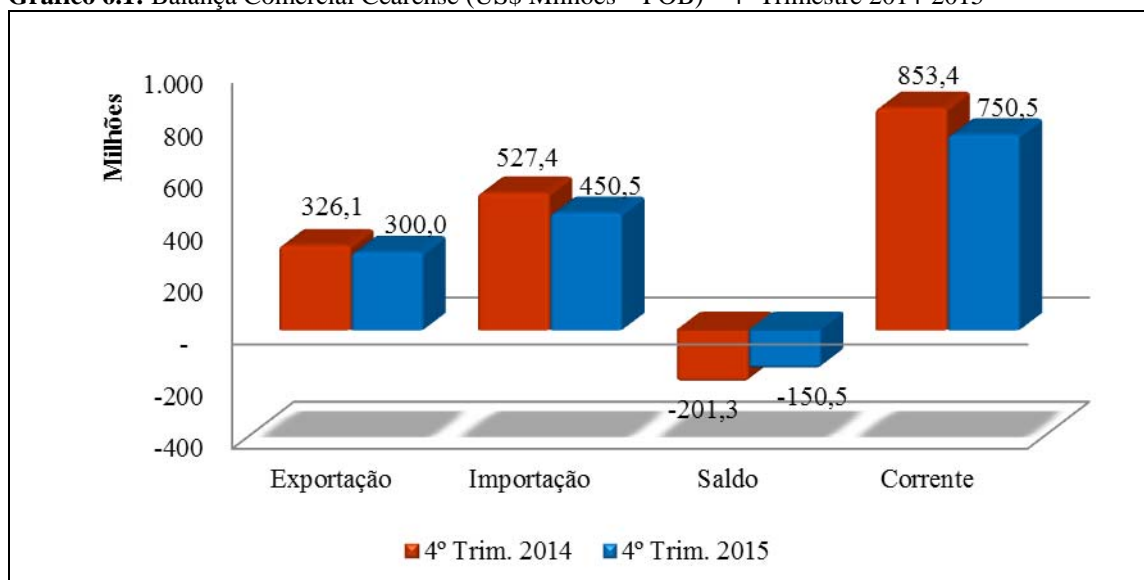


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 05/03/2015.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará no quarto trimestre de 2015 totalizaram US\$ 300 milhões, expressando uma redução de 7,9% em relação ao ano de 2014. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 450,5 milhões apresentando também uma queda de 14,57% comparada ao ano anterior. Dessa forma, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit (-US\$ 150,5 milhões) menor comparado ao mesmo período do ano passado (-US\$ 201,3 milhões). Assim, a corrente de comércio exterior do Ceará alcançou, no quarto trimestre de 2015, o valor de US\$ 750,5 milhões, com redução de 12,06% em relação ao mesmo período de 2014. (Gráfico 6.1).

Gráfico 6.1: Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 4º Trimestre 2014-2015



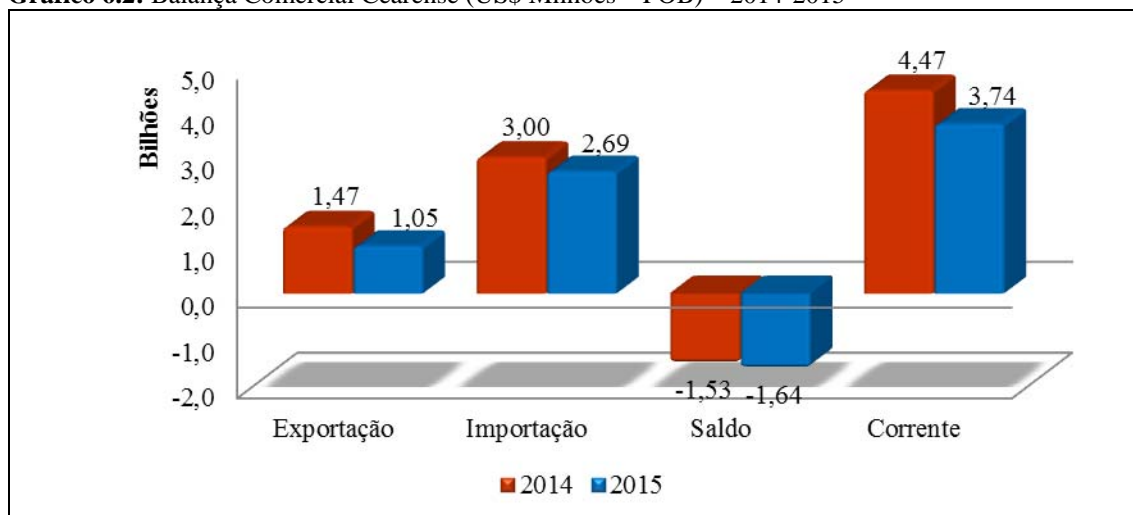
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: IPECE.

Já as exportações do Ceará no acumulado do ano de 2015 alcançaram um montante de US\$ 1,05 bilhão, apresentando queda de 28,91% em relação ao ano de 2014. As importações somaram o valor de US\$ 2,69 bilhões, apresentando uma queda de 10,41% comparada ao ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 1,64 bilhão em 2015, mantendo a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2015 com o valor de US\$ 3,74 bilhões, com retração de 16,49% frente ao ano de 2014. (Gráfico 6.2).

No panorama nacional, o Ceará se classificou como o décimo sexto estado exportador do Brasil, apresentando uma participação de 0,64% do total nacional. O estado sobe para a décima quarta colocação com relação às importações nacionais, participando com 1,21% do

total. No cenário das exportações nordestinas, ficou em quinto lugar, sendo superado pelos estados da Bahia, Maranhão, Pernambuco e Alagoas. Já com relação às importações, ficou em terceiro lugar ficando atrás da Bahia, Pernambuco e Maranhão.

Gráfico 6.2: Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 2014-2015



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Exportações

A pauta de exportação cearense no quarto trimestre de 2015 manteve-se liderada pelas vendas de Calçados e partes, que representou 29,83% do total exportado pelo estado, totalizando o valor de US\$ 89,48 milhões. Porém, houve uma queda na exportação desse setor (-5,32%), quando comparado ao quarto trimestre de 2014.

Frutas (exceto castanha de caju) ficaram em segundo lugar com a quantia exportada de US\$ 65,55 milhões, apresentando um aumento das vendas de 9,19% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo como principais produtos, melões frescos, melancias e mangas.

Couros e peles ocuparam o terceiro lugar gerando uma receita de aproximadamente US\$ 32,73 milhões e uma participação de 10,91% do total da pauta de vendas nesse quarto trimestre de 2015. No entanto, houve uma queda de 34,56% na venda desse setor comparada ao mesmo período do ano anterior.

Destaca-se o crescimento do valor exportado de têxteis (+16,64) e produtos metalúrgicos (+49,56%) e da queda nas exportações de ceras vegetais (-34,04%) e lagostas (-16,40%).

Tabela 6.1: Principais produtos exportados – 4º trimestre – 2014-2015 (US\$ FOB)

Principais Produtos	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
Calçados e suas partes	94.514.749	28,99	89.484.143	29,83	-5,32
Frutas (exceto castanha de caju)	60.037.714	18,41	65.552.680	21,85	9,19
Couros e Peles	50.022.698	15,34	32.733.688	10,91	-34,56
Castanha de caju	21.751.754	6,67	20.909.368	6,97	-3,87
Ceras vegetais	23.116.125	7,09	15.247.814	5,08	-34,04
Preparações alimentícias diversas	14.396.733	4,42	14.437.650	4,81	0,28
Lagostas	14.808.309	4,54	12.379.901	4,13	-16,40
Têxteis	9.542.825	2,93	11.131.185	3,71	16,64
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	8.505.516	2,61	8.617.245	2,87	1,31
Produtos metalúrgicos	3.972.519	1,22	5.941.129	1,98	49,56
Demais Produtos	25.393.552	7,79	23.571.269	7,86	-7,18
Ceará	326.062.494	100,00	300.006.072	100,00	-7,99

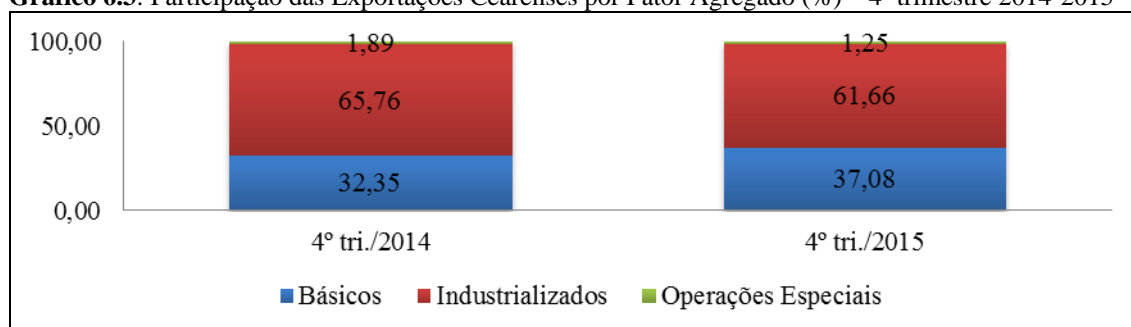
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Fator Agregado

No quarto trimestre do ano a exportação por fator agregado do Ceará foi constituída, basicamente, por produtos industrializados como pode ser analisado no Gráfico 6.3.

As exportações de produtos básicos no quarto trimestre de 2015 apresentaram um aumento de 5,48%, em comparação ao mesmo período do ano anterior, tendo atingido o valor de US\$ 111,25 milhões, ou 37,08% do total.

Já as exportações de produtos industrializados representaram 61,66% do total no quarto trimestre de 2015, totalizando um valor de US\$ 184,98 milhões, tendo se reduzido 13,73% quando comparado ao mesmo período de 2014.

Gráfico 6.3: Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trimestre 2014-2015

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

Os três principais destinos que se destacaram por sua representatividade nas exportações cearenses foram os Estados Unidos, Países Baixos (Holanda) e Reino Unido. Os Estados Unidos continuam se destacando como principal país importador dos produtos cearenses,

apresentando participação de 22,36% e totalizando o valor de US\$ 67,07 milhões. Os principais produtos adquiridos pelos EUA da pauta do estado foram castanha de caju, calçados e suas partes e lagostas.

Ocupando o segundo lugar nas exportações cearenses, a Holanda apresentou um crescimento de 4,75% em suas compras em relação ao mesmo período do ano passado, importando do Ceará o equivalente a US\$ 37,68 milhões, com destaques para melões, melancias, castanha de caju, mangas e mamões.

Em terceiro lugar, o Reino Unido apresentou queda de 2,85% quando comparado ao quarto trimestre do ano anterior, representando o valor de US\$ 21,66 milhões, a maior parte responsável por melões frescos, melancias e calçados.

É importante apontar a acentuada queda das exportações para vários mercados consumidores, entre eles, Argentina (-15,27%), Itália (-11,66%), China (-26,52%), entre outros.

Tabela 6.2: Principais Destinos das Exportações - 4º Trimestre de 2014-2015 (US\$ FOB)

Principais Países	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
Estados Unidos	64.591.512	19,81	67.074.468	22,36	3,84
Países Baixos (Holanda)	35.976.943	11,03	37.684.618	12,56	4,75
Reino Unido	22.304.317	6,84	21.669.209	7,22	-2,85
Espanha	16.156.224	4,95	15.905.802	5,30	-1,55
Argentina	15.722.327	4,82	13.321.447	4,44	-15,27
Itália	14.340.545	4,40	12.668.288	4,22	-11,66
Alemanha	11.721.789	3,59	12.389.803	4,13	5,70
China	13.637.746	4,18	10.020.402	3,34	-26,52
Paraguai	10.561.750	3,24	8.770.874	2,92	-16,96
Hungria	12.000.738	3,68	8.326.046	2,78	-30,62
Demais Países	109.048.603	33,44	92.175.115	30,72	-15,47
Ceará	326.062.494	100,00	300.006.072	100,00	-7,99

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

Enquanto que as importações brasileiras reduziram 32,08% no quarto trimestre de 2015 em relação ao mesmo período do ano anterior as importações cearenses tiveram uma queda menor, de 14,57%. Em termos absolutos, o estado importou o equivalente a US\$ 527,35 milhões no quarto trimestre de 2014, caindo para US\$ 450,53 milhões em 2015. No rol das importações cearenses com relação ao quarto trimestre, três produtos se destacaram pela sua relevância: máquinas e equipamentos; outros trigos e misturas de trigo com centeio; outros aviões e outros veículos aéreos. (Tabela 6.3).

O grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos foi o primeiro colocado nas importações do estado, com valor de US\$ 110,89 milhões, consistindo em torno de

24,61% do total das importações nesse período, apresentando crescimento de 21,01% em relação ao quarto trimestre de 2014. Os principais produtos importados desse grupo foram *Outros grupos eletrogêneos de energia eólica; Máquinas e aparelhos para esmagar, moer ou pulverizar substâncias minerais sólidas*, entre outros.

“Outros trigos e misturas de trigo com centeio” ficaram em segundo lugar, com valor de US\$ 58,03 milhões (12,88%), crescendo 63,41% suas importações em relação ao mesmo período de 2014.

Em terceiro lugar houve a importação de um avião no valor de US\$ 51,01 milhões, correspondendo a 11,32% da pauta.

Apesar da relevância desses três produtos na pauta, houve uma redução das compras cearenses em relação às outras mercadorias, como produtos químicos (-40,96%), combustíveis minerais (-4,89%), produtos metalúrgicos (-60,98%), entre outros.

Tabela 6.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 4º Trimestre 2014-2015

Principais Produtos	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	91.637.872	17,38	110.892.885	24,61	21,01
Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	35.513.748	6,73	58.032.724	12,88	63,41
Outros aviões e outros veículos aéreos	0	0,00	51.016.344	11,32	-
Produtos químicos	84.785.873	16,08	50.060.493	11,11	-40,96
Combustíveis minerais	43.858.482	8,32	41.711.885	9,26	-4,89
Produtos metalúrgicos	87.513.998	16,59	34.144.393	7,58	-60,98
Têxteis	52.069.580	9,87	30.295.604	6,72	-41,82
Plásticos e suas obras	24.567.433	4,66	13.400.881	2,97	-45,45
Outros óleos de dende	12.344.899	2,34	12.762.127	2,83	3,38
Papel e cartão; obras de pasta de celulose	10.599.053	2,01	6.392.031	1,42	-39,69
Demais Produtos	84.465.552	16,02	41.823.449	9,28	-50,48
Ceará	527.356.490	100,00	450.532.816	100,00	-14,57

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

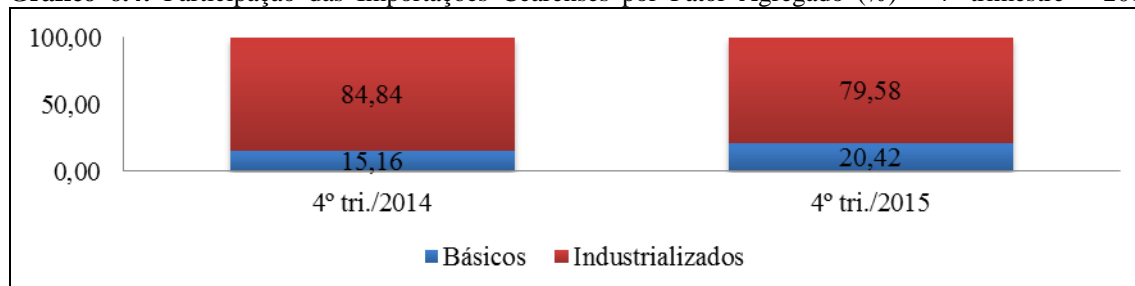
Fator agregado

Com relação à importação por fator agregado, observa-se no período analisado que a pauta importadora do estado é composta, principalmente, por produtos industrializados (Gráfico 6.4).

Produtos básicos representaram 20,42% das importações cearenses no quarto trimestre de 2015, aumentando em termos de participação em relação ao mesmo período do ano anterior (15,16%). Dessa forma, houve crescimento de 15,13% nas compras desse setor em relação ao quarto trimestre de 2014.

Já as importações de produtos industrializados representaram 79,58% no quarto trimestre de 2015, diminuindo em termos de participação em comparação ao quarto trimestre de 2014 (84,84%), apresentando queda de 19,87% nas importações nesse período.

Gráfico 6.4: Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trimestre – 2014-2015



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Origens

As importações da China no quarto trimestre de 2015 foram da ordem de US\$ 99,15 milhões (22,01% do total), apresentando queda de 38,30% em relação ao 4º trimestre de 2014, majoritariamente pela importação de produtos químicos, máquinas e equipamentos, produtos metalúrgicos e têxteis.

As compras originárias da França foram de US\$ 52,62 milhões (11,68%), majoritariamente pela compra de um avião no valor de US\$ 51,01 milhões.

As importações dos Estados Unidos representaram US\$ 45,61 milhões (10,12%), com queda de 13,75% em relação ao mesmo período de 2014. Foram importados do país máquinas e equipamentos, trigos e coque de petróleo.

Destaque para a Argentina, a qual vendeu para o estado o equivalente a US\$ 37,11 milhões, com crescimento de 115,87% em relação ao quarto trimestre de 2014. Foi adquirido desse país, principalmente, trigos e máquinas e equipamentos.

Tabela 6.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 4º Trimestre – 2014-2015

Principais Países	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
China	160.703.179	30,47	99.155.895	22,01	-38,30
França	2.487.267	0,47	52.628.599	11,68	-
Estados Unidos	52.881.981	10,03	45.610.270	10,12	-13,75
Argentina	17.192.525	3,26	37.112.978	8,24	115,87
Colômbia	39.005.807	7,40	30.566.599	6,78	-21,64
Índia	24.383.410	4,62	28.688.566	6,37	17,66
Coreia do Sul	35.810.534	6,79	23.580.270	5,23	-34,15
Indonésia	19.084.048	3,62	18.485.261	4,10	-3,14
Alemanha	19.644.670	3,73	15.055.945	3,34	-23,36
Espanha	14.324.439	2,72	11.981.079	2,66	-16,36
Demais Países	141.838.630	26,90	87.667.354	19,46	-38,19
Ceará	527.356.490	100,00	450.532.816	100,00	-14,57

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

7 FINANÇAS PÚBLICAS

Relativamente às finanças públicas do Ceará observa-se, no quarto trimestre de 2015, queda em todas as fontes de receitas do Governo Cearense. As “Receitas Totais” caíram 13,2%, havendo uma queda de 31,8% das “Receitas de Capital” e 9,4% nas “Receitas Correntes”. Nesse sentido, a menor queda foi registrada entre as receitas de “Impostos”, com queda de 8,2% nesta rubrica. No acumulado do ano verifica-se, também, queda em todas as fontes de receitas do Estado, registrando-se um decréscimo de 8,2%, quando comparado a 2014, das “Receitas Totais”, uma redução de 4,6% nas “Receitas Correntes” e 32,3% nas “Receitas de Capital”.

Tabela 7.1: Receitas do Governo Estadual no Quarto trimestre de 2014 e 2015 (R\$1.000,00 de 4º trim. 2015)

Descrição	4º Trimestre					Acumulado				
	2014		2015		Var (%)	2014		2015		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas Correntes	5.162.746	78,1	4.675.645	81,5	-9,4	19.753.545	83,5	18.846.118	86,8	-4,6
Receita Tributária	2.828.536	42,8	2.595.756	45,2	-8,2	10.874.133	46,0	10.540.765	48,5	-3,1
Impostos	2.717.177	41,1	2.485.902	43,3	-8,5	10.430.782	44,1	10.125.107	46,6	-2,9
Taxas	111.359	1,7	109.854	1,9	-1,4	443.351	1,9	415.658	1,9	-6,2
Transferências										
Correntes	1.698.497	25,7	1.658.205	28,9	-2,4	7.205.774	30,5	6.907.456	31,8	-4,1
Outras Receitas										
Correntes	635.713	9,6	421.684	7,3	-33,7	1.673.638	7,1	1.397.896	6,4	-16,5
Receitas de Capital	1.102.772	16,7	751.835	13,1	-31,8	2.811.928	11,9	1.903.727	8,8	-32,3
Operações De Crédito	869.173	13,2	2.195	0,0	-99,7	1.822.947	7,7	864.804	4,0	-52,6
Outras Receitas De										
Capital	233.599	3,5	749.640	13,1	220,9	988.981	4,2	1.038.923	4,8	5,0
Receitas intra Orçamentárias	344.117	5,2	312.553	5,4	-9,2	1.098.591	4,6	964.044	4,4	-12,2
Total Geral	6.609.635	100,0	5.740.033	100,0	-13,2	23.664.063	100,0	21.713.888	100,0	-8,2
Receita Corrente Líquida	4.234.125		4.025.054		-4,9	16.230.962		15.674.581		-3,4

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração IPECE.

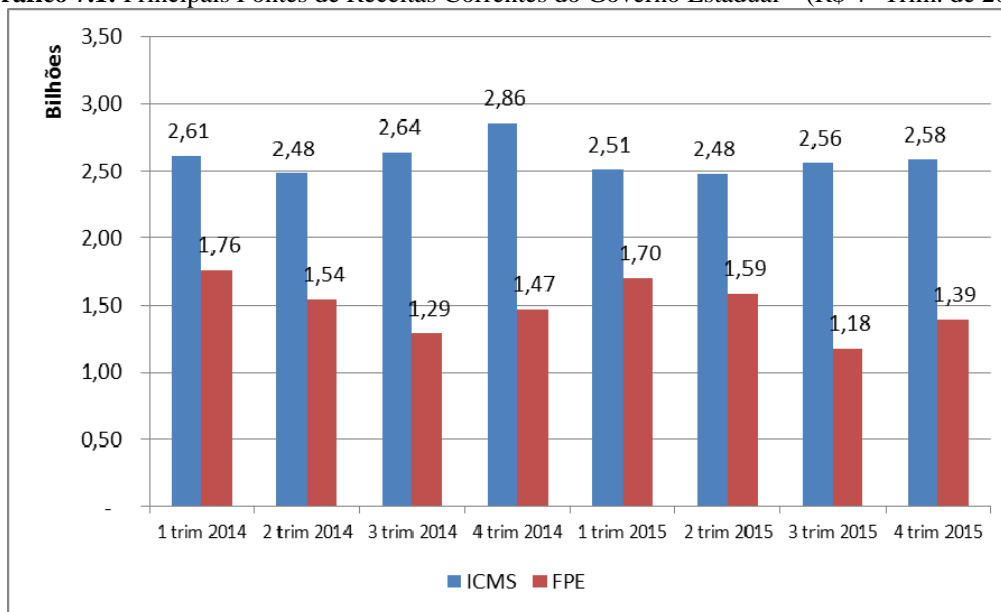
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do quarto trimestre.

Destaque-se, ainda, a queda de 4,9% das “Receitas Correntes Líquidas” no quarto trimestre de 2015, comparativamente a 2014. No ano essas receitas tiveram queda de 3,4%. Consta-se, portanto, que o ano de 2015 foi marcado por uma significativa queda nas receitas estaduais, forçando a implementação de um considerável esforço de ajuste fiscal pelo Governo do Estado.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento são apresentados no Gráfico 7.1. Por esse gráfico é

possível constatar que as receitas de ICMS, nos quatro trimestres de 2015, estiveram em patamar inferior ao observado em 2014, o que resultou em uma redução, no ano de 2015, de 4,3% da arrecadação desse tributo. Quanto ao FPE, quando se compara as receitas do quarto trimestre de 2015 com idêntico período de 2014, constata-se uma queda de 5,5% nos valores transferidos e de 3,4% no total anual.

Gráfico 7.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual – (R\$ 4º Trim. de 2015)



Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração IPECE.

O fraco desempenho da arrecadação estadual, dado tanto por receitas transferidas como as tributárias, pode ser atribuído à queda do PIB, tanto o nacional como o estadual. Assim, caso as expectativas para 2016 se confirmem, é de se esperar também que não ocorram incrementos das receitas estaduais, com relação a 2015, o que seria um importante óbice para o Estado.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual, é possível constatar, na Tabela 7.2, que as “Despesas Correntes” apresentaram redução de 6,1%, quando se compara o quarto trimestre de 2015 com idêntico período de 2014, sendo possível observar que as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” caíram 0,1% entre os dois períodos. No acumulado do ano houve uma queda de 2,5% nas “Despesas Correntes” e um crescimento de 2,1% nas despesas com “Pessoal e Encargos Sociais”. Assim, constata-se que, comparativamente a 2014, há uma tendência de elevação do gasto com essa rubrica, apesar da queda na arrecadação estadual. Destaque-se, ainda, a redução de 9,5% da “Despesa Total” do Estado no acumulado de 2015, frente a igual período de 2014.

Tabela 7.2: Despesas do Governo Estadual no Segundo trimestre de 2014 e 2015 (R\$1,000,00 de 3º trim. 2015)

Descrição	4º Trimestre					Acumulado				
	2014		2015		Var (%)	2014		2015		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas Correntes	4.725.653	75,9	4.439.717	80,5	-6,1	16.605.758	77,7	16.184.306	83,7	-2,5
Pessoal E Encargos Sociais	2.326.508	37,4	2.323.283	42,1	-0,1	8.536.631	39,9	8.716.117	45,1	2,1
Juros E Encargos Da Dívida	110.411	1,8	107.868	2,0	-2,3	334.420	1,6	427.851	2,2	27,9
Outras Despesas Correntes	2.288.734	36,8	2.008.566	36,4	-12,2	7.734.707	36,2	7.040.338	36,4	-9,0
Despesas De Capital	1.498.686	24,1	1.077.745	19,5	-28,1	4.766.687	22,3	3.152.682	16,3	-33,9
Investimentos	1.089.785	17,5	836.857	15,2	-23,2	3.615.588	16,9	2.321.926	12,0	-35,8
Outras Despesas De Capital	408.902	6,6	240.888	4,4	-41,1	1.151.099	5,4	830.755	4,3	-27,8
Reserva De Contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	6.224.340	100,0	5.517.462	100,0	-11,4	21.372.445	100,0	19.336.988	100,0	-9,5

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração IPECE.

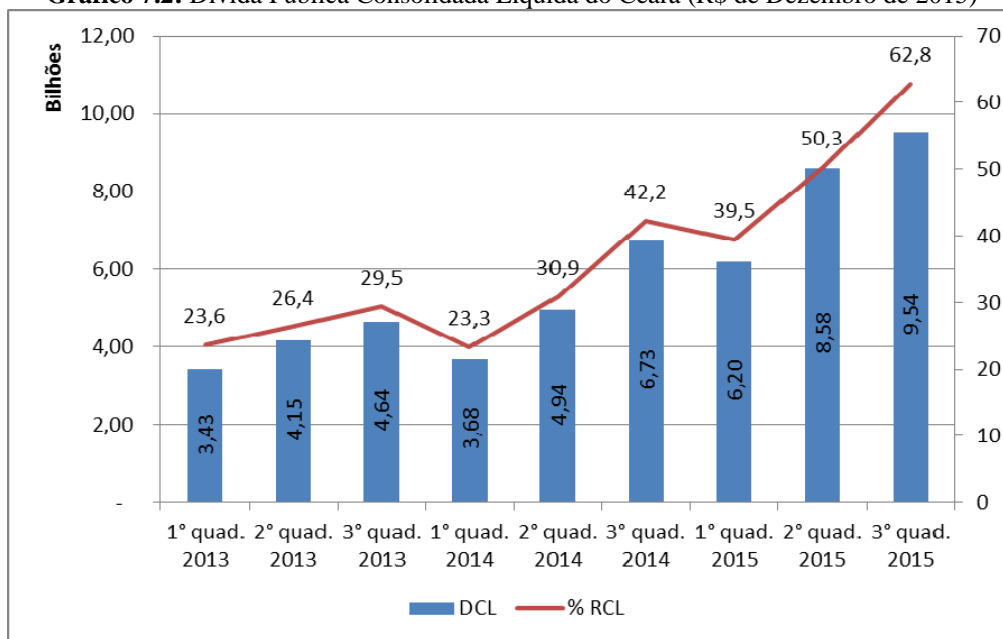
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do quarto trimestre.

Já o pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” avançaram 27,9%, quando compara-se 2015 com 2014, e as despesas de “Capital” caíram, tanto no comparativo trimestral como no acumulado do ano, 28,1% e 33,9%, respectivamente. Destaque-se a significativa queda dos “Investimentos” do Governo Estadual que, no acumulado de 2015, foi de 35,8% menor que o de 2014.

Do exposto acima pode-se concluir que o ano de 2015 foi marcado por uma forte queda das receitas estaduais, forçando o Governo a um significativo ajuste de suas despesas, sendo as maiores reduções registradas nas contas de “Investimentos” e “Outras Despesas Correntes”.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da dívida pública consolidada líquida do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 7.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresenta tendência de crescimento desde o primeiro quadrimestre de 2013, atingindo seu valor máximo, dentro do período analisado, de 9,54 bilhões de Reais no 3º quadrimestre de 2015. Nesses termos, a dívida pública consolidada líquida representava 62,8% da Receita corrente líquida, ou seja, apresentou um significativo incremento frente ao quadrimestre anterior. Destaque-se, ainda, que a Dívida Pública do Ceará apresenta uma tendência de crescimento desde o início de 2014, tendo aumentado em 159% no período do primeiro quadrimestre de 2014 ao 3º quadrimestre de 2015.

Gráfico 7.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Dezembro de 2015)



Fonte: Sefaz. Elaboração IPECE.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de 2015, o FMI previa um crescimento da economia mundial em 3,5%. Este valor seria impulsionado principalmente pelo crescimento da economia dos Estados Unidos, mas ao longo do ano a estimativa de crescimento da economia americana bem como de alguns países emergentes (Brasil, Rússia, África do Sul) tiveram seus valores revistos para baixo. Em janeiro de 2016, a publicação *World Economic Outlook*, divulgada pelo FMI estimou o crescimento da economia mundial de 2015 em 3,1%.

No ano de 2015, o produto interno bruto a preços de mercado do Brasil apresentou queda nos quatro trimestres, tendo ainda registrado uma retração de 3,8% no acumulado de todo o ano. Com exceção do setor agropecuário, que apresentou crescimento de 2,9% no último trimestre e um acumulado de 1,8%, o lado da oferta teve queda tanto no lado da indústria como no setor de serviços no quarto trimestre e no acumulado de 2015.

Sob a ótica da demanda, a absorção doméstica recuou nos seus três componentes. Os gastos do governo retraíram -1,0% no ano de 2015, enquanto o consumo e a formação bruta de capital tiveram redução de -4,0% e -14,1%, respectivamente.

O ajuste cíclico no setor externo tem elevado as exportações e retraído as importações ao longo de todo o ano de 2015: crescimento e queda de 6,1% e -14,3%, respectivamente. Parte do setor externo tem reagido à depreciação cambial em termos de maior volume de vendas exportada, enquanto as compras de máquinas e equipamentos e o consumo do exterior sofreu forte retração com a alta do dólar.

No quarto trimestre de 2015 com relação ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma queda de 5,56%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no quarto trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi observado um crescimento de 2,70%. No ano de 2015, observa-se uma queda de 3,48%.

Adicionalmente, no ano de 2015, em comparação com o ano de 2014, todos os setores apresentaram queda, sendo a maior na Agropecuária (-24,93%), seguida dos setores da Indústria (-4,63%) e Serviços (-2,40%).

O ano de 2015 foi um dos piores para o setor agropecuário cearense nos últimos anos dado o prolongamento da estiagem e chuvas abaixo da média, causando danos às condições do solo e perda de umidade e de cobertura vegetal, com drástica redução das reservas hídricas.

Por conta do prolongado período de seca, os produtores cearenses mostraram-se mais temerosos para realizar o plantio das culturas de milho, feijão e arroz, indicando uma redução

das áreas plantadas e conseqüentemente redução na quantidade produzida. Vale ressaltar que a quantidade de grãos produzidos no Ceará em 2015 foi a menor dos últimos 20 (vinte) anos. Como tem ocorrido desde o início de 2014, a indústria de transformação cearense fechou mais um trimestre com resultados negativos na produção. No último quarto de 2015, a atividade industrial amargou uma nova redução de 10,5% na comparação com o mesmo período de 2014. Segmentos importantes da indústria local registraram resultados negativos na maior parte dos trimestres. No último quarto do ano, com queda na produção se destacaram os setores de Couro e calçados (-15,8%), Têxtil (-35,8%) e Confecções (-16,0%), sempre na comparação com mesmo período do ano anterior.

Tal quadro de reduções seguidas na produção tornam os números de 2015 ainda mais expressivos, uma vez que as fortes quedas da atividade observadas neste ano se dão sobre uma base de comparação já deprimida. O ano de 2015 se encerra com uma redução de 9,7% na produção industrial do Estado. Ao se observar os anos anteriores, tem-se que 2015 foi o segundo pior ano para a indústria desde o início da atual série de dados, em 2002. Para indústria cearense, esse quadro se mostrou especialmente nocivo dada a sua estrutura produtiva caracterizada pela produção de bens não duráveis voltados ao consumo final.

É nítida a trajetória de queda nas vendas trimestrais do varejo comum tanto cearense quanto nacional, sendo que este último apresentou quedas mais significativas nos dois últimos trimestres do ano confirmando a maior deterioração do desempenho das vendas nacionais. Nota-se também que as maiores quedas nas vendas foram observadas no quarto trimestre de 2015.

O varejo ampliado experimentou uma trajetória de queda trimestral tanto no Brasil quanto no Ceará, sendo que, diferente do ocorrido no varejo comum, as vendas cearenses apresentaram quedas mais significativas nos últimos dois trimestres do ano, confirmando, assim, a maior deterioração nas vendas locais provocadas pelo forte desaquecimento nas vendas dos setores de veículos e de materiais de construção.

No estado do Ceará, foram observados fechamento de postos de trabalho em todos os trimestres do ano de 2015. No acumulado do ano, foi registrado o primeiro saldo negativo anual dos últimos onze anos dentro dos registros do CAGED. Todos os estados brasileiros apresentaram saldo negativo anual de empregos.

A Construção civil que havia apresentado uma retomada na criação de novos postos de trabalho em 2013 vem destruindo empregos de forma acentuada nos últimos dois anos, com o 4º trimestre de 2015 apresentando-se como o maior saldo negativo dos últimos cinco anos. Já a Indústria de transformação que já havia apresentado saldo negativo de empregos no acumulado do ano de 2014, registrou um fechamento de vagas intenso e sem precedentes no acumulado do ano de 2015.

Nem a recuperação na geração de novos postos de trabalho no 4º trimestre foi o suficiente para impedir a destruição de empregos no Comércio observada no acumulado do ano de 2015, resultado esse bem diferente do ocorrido em anos anteriores. O setor de Serviços passou também a apresentar perda de postos de trabalho.

As exportações do Ceará no acumulado do ano de 2015 alcançaram um montante de US\$ 1,05 bilhão, apresentando queda de 28,91% em relação ao ano de 2014. As importações somaram o valor de US\$ 2,69 bilhões, apresentando uma queda de 10,41% comparada ao ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 1,64 bilhão em 2015, mantendo a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2015 com o valor de US\$ 3,74 bilhões, com retração de 16,49% frente ao ano de 2014.

A pauta de exportação cearense no quarto trimestre de 2015 manteve-se liderada pelas vendas de Calçados e partes, que representou 29,83% do total exportado pelo estado, totalizando o valor de US\$ 89,48 milhões. Porém, houve uma queda na exportação desse setor (-5,32%), quando comparado ao quarto trimestre de 2014. Couros e peles ocuparam o terceiro lugar gerando uma receita de aproximadamente US\$ 32,73 milhões e uma participação de 10,91% do total da pauta de vendas nesse quarto trimestre de 2015. No entanto, houve uma queda de 34,56% na venda desse setor comparada ao mesmo período do ano anterior.

O grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos foi o primeiro colocado nas importações do estado, com valor de US\$ 110,89 milhões, consistindo em torno de 24,61% do total das importações nesse período, apresentando crescimento de 21,01% em relação ao quarto trimestre de 2014.

No quarto trimestre de 2015 houve queda em todas as fontes de receitas do Governo Cearense. As “Receitas Totais” caíram 13,2%, as “Receitas de Capital” tiveram queda de 31,8% e as “Receitas Correntes” 9,4%. A menor queda foi registrada entre as receitas de “Impostos”, com queda de 8,2% nesta rubrica. No acumulado do ano verifica-se, também, queda em todas as fontes de receitas do Estado, registrando-se um decréscimo de 8,2%, quando comparado a 2014, das “Receitas Totais”, uma redução de 4,6% nas “Receitas Correntes” e 32,3% nas “Receitas de Capital”.

Destaque-se, ainda, a queda de 4,9% das “Receitas Correntes Líquidas” no quarto trimestre de 2015, comparativamente a 2014. No ano essas receitas tiveram queda de 3,4%. As receitas de ICMS, nos quatro trimestres de 2015, estão em patamar inferior ao observado em 2014, o que resultou em uma redução, no ano de 2015, de 4,3% da arrecadação desse tributo. Já o FPE, quando se compara as receitas do quarto trimestre de 2015 com idêntico período de 2014, constata-se uma queda de 5,5% nos valores transferidos e de 3,4% no total anual.

No acumulado do ano houve uma queda de 2,5% nas “Despesas Correntes” e um crescimento de 2,1% nas despesas com “Pessoal e Encargos Sociais”. Assim, constata-se que, comparativamente a 2014, há uma tendência de elevação do gasto com essa rubrica, apesar da queda na arrecadação estadual. Destaque-se, ainda, a redução de 9,5% da “Despesa Total” do Estado no acumulado de 2015, frente a igual período de 2014. Observa-se a significativa queda dos “Investimentos” do Governo Estadual que, no acumulado de 2015, foi de 35,8% menor que o de 2014.

9 ARTIGO DE OPINÃO⁵

A Filosofia Grega e Cristã Como Instrumentos Para o Desenvolvimento Econômico

Daniel Suliano – Analista de Políticas Públicas do Ipece

A ampliação dos mercados como forma de organização produtiva vem permitindo desde a Revolução Industrial a melhoria do padrão de vida da maioria das economias mundiais. Dentro de uma perspectiva da história humana é algo até inalcançável quando consideramos maior quantidade de acesso a bens e serviços disponíveis, qualidade do lazer e condições de saúde da população.

Nesse contexto, a Teoria Econômica desde a publicação do revolucionário livro de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, em 1776, vem aprofundado os estudos sobre a forma de como a organização dos mercados tem sido um importante elemento de ampliação da eficiência produtiva dos sistemas econômicos.

Assim, as instituições, regras de como organizar as atividades produtivas, assume papel essencial. Em particular, destaca-se o papel de Douglas North, prêmio Nobel de Economia em 1993, como um dos mais proeminentes pesquisadores no que tange ao estudo das instituições para o desenvolvimento. Recentemente, Acemoglu e Robinson (2012)⁶ em uma ampla pesquisa descreveram pormenorizadamente o papel dos mecanismos institucionais quanto ao desenvolvimento e fracasso das nações.

Como se pode observar, esse é um terreno fértil para discussão e elaboração de teorias que procuram entender o porquê de alguns países se tornaram ricos, enquanto os demais permanecem em pobreza absoluta.

De acordo com o título deste artigo, a ideia aqui é discorrer sobre como alguns elementos se tornaram fatores catalizadores em termos de organização econômica via sistema de mercado com vista à ampliação da eficiência produtiva e progresso de algumas nações.

Vejamos, em primeiro lugar, como uma ideia da Grécia Antiga se torna um importante elemento para tal feito. Na concepção grega, a ordem cósmica atribui a cada ser seu lugar natural no mundo. De acordo com Aristóteles, cada ser nasce com um tipo de talento ou atributo tendo, então, como dever moral, descobrir suas potencialidades. Assim, a busca pela excelência era associada à virtude. Portanto, uma vida plena implica a busca pela excelência até o fim da vida.

⁵ As ideias colocadas neste tópico refletem exclusivamente a visão do autor, não sendo, portanto, a posição oficial do IPECE.

⁶ ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. **Por Que as Nações Fracassam**. As origens do poder, da prosperidade e da pobreza. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

O interessante a observar é que tal conceito tem sua aplicabilidade direta na produção econômica como um importante mecanismo institucional para a eficiência dos mercados. De fato, em mercados concorrenciais, ou mesmo naqueles em que vigora algum poder de monopólio, a utilização dos métodos mais eficientes de produção bem como a busca pela inovação e criação de novas tecnologias são condições essenciais para a plenitude das melhores empresas que ofertam produtos. Aquelas que não se adaptam ou mesmo aquelas que não renovam estão fadadas a falência. É o processo de “destruição criativa”, descrito pelo economista Joseph Schumpeter e no qual as empresas na busca pela excelência substituem os velhos métodos de produção por novos na busca pelo melhor (maior eficiência).

Mas em um sistema de competição ideal a busca pela excelência é condição necessária, mas não suficiente para a busca de uma vida plena e usufruto de suas plenas potencialidades. De fato, no antigo pensamento grego vigorava a ideia aristocrática e hierárquica no qual existiriam bons e maus por natureza ou mais ou menos virtuosos, a partir de uma ordem cósmica natural. Caberia apenas a cada ser descobrir seu lugar natural.

Em termos de organização social, Platão inclusive rejeitava a democracia na medida em que a maioria ignorante seguindo seus instintos primitivos absorvidos da ordem natural não teriam comportamento ideal em uma vida civilizada devendo, portanto, serem controlados por uma minoria iluminada e capaz.

A doutrina cristã rompe com essa concepção ao nivelar todos os seres humanos de forma igual o que não deixa de ser, em essência, a moderna definição de democracia no qual todos são absolutamente iguais. Ademais, o conceito de liberdade é adicionado, considerando que os talentos naturais podem ser utilizados ou para o bem ou para a prática do mal.

Essencialmente, essa ideia toca no conceito de igualdade de oportunidades. Dessa forma, não basta que a ordem cósmica lhe conceda certa virtude e cada um passe a desenvolvê-la até a sua plenitude. As práticas para o aperfeiçoamento das boas virtudes partem agora do princípio que haverá equiparação de condições.

De fato, em sociedades onde os maiores talentos são proliferados e mais bem utilizados essa é uma condição *sine qua non* a plena igualdade nas oportunidades dos indivíduos, independentemente de suas condições iniciais. Seja em países que alavancaram desenvolvimento recente, como a Coreia do Sul, seja em países desenvolvidos em um período mais longo, como os Estados Unidos, umas das pedras angulares se deu a partir de um ensino de base público, universal e de qualidade. (o que importa são as condições de largada).

Isso porque, utilizando a concepção grega da ordem cósmica natural, o talento não tem endereço e nem classe social predominante. Em certa medida, todos os atributos podem ser aprimorados, mas para tal feito é preciso que o ponto de partida seja igual para todos.

Os ensinamentos gregos e cristãos são milenares. Atravessaram séculos e séculos da história humana. Boa parte da cultura ocidental os absorveu nas organizações sociais e políticas. No plano econômico, precisamos ainda avançar nas suas aplicabilidades, nos desvencilhando do preconceito que não faz enxergar plenas potencialidades, seja de quem for, como também nos desgarrarmos de um falso argumento no qual se pressupõe que todos são iguais sem condições iniciais iguais.